



PUC RIO

MARILIA SODRÉ TEIXEIRA

ANGÚSTIA E PROCESSO ANALÍTICO :
UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA DO MODELO FREUDIANO

TESE DE MESTRADO

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

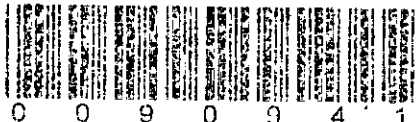
Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1977

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 15071266 / TESE UC

Título: Angustia e processo analítico



0 0 9 0 9 4 1

Ex: 1-CENTRAL

1784

MARILIA SODRÉ TEIXEIRA

"ANGÚSTIA E PROCESSO ANALÍTICO:
UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA DO MODELO FREUDIANO"

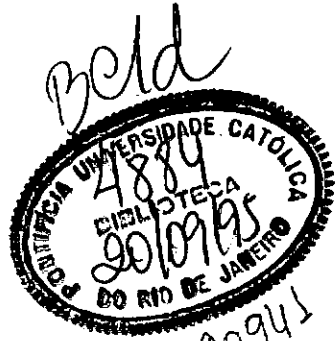
Tese apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como par
te dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicolo -
gia Clínica.

Orientador: Carlos Paes de Barros

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1977

UC 62874-1



150
T266
TESE UC

90941

Quero agradecer ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, à CAPES, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esta tese pudesse ser realizada.

A Antonio Carlos pela presença afetiva e estimuladora durante todos os momentos da execução deste trabalho, meu muito obrigado especial.

Ao Dr. Carlos Paes de Barros quero expressar o meu eterno reconhecimento por ter sido a pessoa que me introduziu no entendimento da extraordinária teoria freudiana.

RESUMO

Este trabalho procura estudar de que modo o processo psicanalítico chega a reintroduzir na cadeia associativa consciente o material que tende a se manter reprimido por ser produtor de ansiedade.

Fizemos uma revisão dos conceitos metapsicológicos, e em especial dos modelos explicativos dos processos patogênicos nos diferentes quadros psicopatológicos.

Restringimos nosso interesse aos estudos psico-neuróticos, isto é, aqueles cuja etiologia residisse na esfera psíquica a partir da instalação do conflito.

Enfatizamos a importância da angústia na formação das psico-neuroses demonstrando que os recursos defensivos de que o ego lança mão para solucionar os conflitos têm sempre o sentido de evitar a angústia.

Caracterizamos o "setting" analítico como uma situação onde ocorre a regressão do funcionamento psíquico (primarização, perda de realidade, etc.) e focalizamos a transferência como uma formação de compromisso ("formação transferencial") constituída por dois componentes: um que corresponde aos conteúdos inconscientes (particularmente os reprimidos), e outro que corresponde aos conteúdos pré-conscientes/conscientes referidos ao "enquadre terapêutico", que inclui a imagem do analista.

A partir de considerações sobre a dupla função do analista ("presença" ou "ausência", em momentos sucessivos) (*) (*) "presença" e "ausência" como serão definidas no cap. 5)

afirmamos que é pela "função de ausência" que a discriminação dos dois componentes da "formação transferencial" é dificultada, ficando assim garantida uma via de acesso ao conteúdo reprimido. Pela "função de presença", ao contrário, tal discriminação é facilitada, o que torna progressivamente possível medidas de correção por parte do ego frente ao material emergente.

Tentamos demonstrar finalmente que o controle da angústia se torna possível pela discriminação favorecida pelo terapeuta ("ausência" - "presença"). Isto assegura ao ego a possibilidade de re-avaliar a situação de angústia iminente, para adotar novas soluções defensivas que permitam a reintegração do material reprimido à consciência.

ABSTRACT

In this paper an attempt is made to understand how the psychoanalytic process manages to reintroduce into the conscious associative chain the material that tends to be maintained repressed due to its anxiety producing nature.

We have reviewed the metapsychological concepts and specially the models that explain the pathogenic processes in the different psychopathological conditions.

Focus has been restricted to the psychoneurotic conditions, i. e., these in which the etiology is found in the psychic sphere since the establishment of the conflict.

Emphasis has been laid upon the importance of anxiety to the constitution of the psychoneurotic conditions showing that the defensive techniques used by the ego to solve conflicts always aim the avoidance of anxiety.

The analytic setting has been characterized as a situation where regression of psychic functioning can take place (primarization, loss of reality, etc.) and transference has been viewed as a compromise-formation ("transferential-formation") of two elements: one corresponding to unconscious contents (specially those that has been repressed) and the other corresponding to the preconscious / conscious contents referred to the "therapeutic frame" which includes the psycho analyst.

Based on considerations about the double function of the analyst - "presence" or "absence" in successive moments ("presence" or "absence" just as are defined in chapter 5) it is

asserted that through the "function of absence" the discrimination of the two elements of the "transferential-formation" is inhibited and a path of access to the repressed content is secured. Such discrimination is facilitated, on the other hand, by the "function of presence" and this makes corrections related to the emerging material progressively possible to the ego.

Finally an attempt is made to demonstrate that the control of anxiety becomes possible through the discrimination facilitated by the therapist ("absence"- "presence"). That ensures the ego with the possibility of reevaluating the situation of imminent anxiety in such a way that new defensive solutions can be adopted which will allow the reintegration into the conscious of the repressed material.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: A METAPSICOLOGIA	10
1.1: O modelo e sua importância.....	10
1.2: A noção de conflito nas 3 teorias do aparelho psíquico.....	11
1.2.1 A 1ª teoria do aparelho psíquico	11
1.2.2 A 2ª teoria do aparelho psíquico	21
1.2.3 A 3ª teoria do aparelho psíquico	25
CAPÍTULO 2: A DEFESA	29
2.1: O modelo da ab-reação e o modelo da defesa..	29
2.2: A defesa nas três topografias	34
2.3: A defesa nas neuroses e nas psicoses	38
2.4: Defesa alequada e inalequada	40
CAPÍTULO 3: A ANGÚSTIA	42
3.1: A "1ª teoria da angústia".....	43
3.2: A "2ª teoria da angústia".....	44
3.3: As neuroses atuais e as psiconeuroses.....	45
3.4: A angústia como causa da repressão	47
3.5: A neurose de angústia	61
3.6: A repressão como causa da angústia	65
CAPÍTULO 4: A PATOGENIA DOS QUADROS PSICOPATOLÓGICOS ...	68
4.1: Conflito e frustração	68
4.2: A angústia	70
4.3: A regressão	72
4.4: A condição quantitativa	81
4.5: A condição qualitativa	82

CAPÍTULO 5: O PROCESSO ANALÍTICO E O MANEJO DA ANGÚSTIA..	84
5.1: O analista em sua "função de presença"	84
5.2: Os objetivos do processo analítico	86
5.3: A resistência	88
5.4: A regressão como instrumento terapêutico	89
5.5: A transferência	91
5.6: A transferência enquanto resistência	97
5.7: O manejo da angústia	98
CONCLUSÕES	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é tentar elucidar uma questão que nos estava preocupando particularmente: as vicissitudes da angústia no processo analítico.

Sabíamos através de estudos anteriores, dos cursos de graduação e pós-graduação, da importância da angústia no modelo freudiano sobre a patogenia das neuroses e psicoses. Sabíamos também que as formações psicopatológicas nada mais eram do que tentativas de solução frente a um conflito potencialmente capaz de conduzir à angústia. Compreendíamos de que maneira era lícito formular que as defesas eram sempre defesas contra a angústia. E paralelamente a tudo isto começávamos a nos interessar pela psicanálise enquanto técnica terapêutica. Nossa formação analítica exigia que soubéssemos sobre as vicissitudes da angústia na terapia psicanalítica tanto quanto sabíamos a respeito do papel da angústia no processo patogênico.

A despeito do fato de que a partir de 1923 os objetivos do processo analítico não visavam mais puramente o levantamento do reprimido e sim o fortalecimento, a extensão e a coesão do ego, e considerando que o ego é capaz de lançar mão de várias defesas como o isolamento, a formação reativa, a recusa, etc., nossa intenção neste trabalho seria a de estudar a repressão e o levantamento do reprimido que se dá através da terapia analítica.

A pergunta que surgia era de que maneira explicar a possibilidade de retorno do material reprimido à cadeia as-

sociativa consciente através da terapia psicanalítica, sem o surgimento de angústia intolerável; como explicar o fato de que ele possa retornar, se reprimí-lo da consciência teria sido um recurso do ego para evitar o surgimento da angústia que acompanharia o seu reconhecimento; que hipóteses formular a respeito desta relação entre a angústia e a defesa que justificasse o abandono da defesa sem a recorrência da angústia intolerável. Foi no sentido de responder a tais questões que este trabalho começou a ser pensado.

Havia, no entanto, uma exigência que nos impúnha - nos: deveríamos tentar uma explicação possível articulando nossas formulações ao corpo teórico da psicanálise. Nossa colaboração, por menor que fosse deveria estar associada ao empreendimento, iniciado por Freud, de constituição de um modelo que desse conta dos fenômenos psicológicos. Em vista disso, calcamos nosso estudo em referência às teorias freudianas de desenvolvimento e à metapsicologia.

A hipótese que temos a intenção de sustentar neste trabalho é a de que é possível o controle da angústia no processo analítico de levantamento do reprimido. Este controle, exercido pelo analista, vai permitir a atenuação da ameaça de re-experimentar uma angústia intolerável que impelia o ego a uma solução de emergência através da repressão. Minimizado o perigo de re-surgimento da angústia, pode o aparelho psíquico solucionar o conflito de forma mais alequada em termos de sua adaptação à realidade.

Dividimos o trabalho em cinco capítulos. No primei

ro nos dedicaremos a uma revisão da metapsicologia freudiana explicitando as três topografias propostas e suas principais formulações. Descreveremos as experiências prototípicas "de satisfação" e "de dor" e seus respectivos resíduos no aparelho psíquico: as forças do "desejo" e da "repulsa". Veremos que através de um processo evolutivo estas duas forças dão lugar a um novo par de forças, o "desejo-inibido-pelo-ego" e a "defesa". Apontaremos para o conflito como aquela situação em que a um mesmo objeto estão associadas as duas forças, quer primária, quer secundariamente.

No capítulo 2 mostraremos a substituição do modelo da ab-reação pelo modelo da defesa enfatizando o papel do conflito e limitando o termo defesa a toda e qualquer solução adotada pelo ego frente ao surgimento de um conflito. Mostraremos porque é verdadeira a afirmação de que a defesa é sempre uma defesa contra a angústia, e nos dedicaremos em particular ao estudo do recurso defensivo da repressão.

Veremos a repressão como ocorre em duas etapas com duas formações de compromisso respectivamente. No tópico 2.2 passaremos os olhos no que diz Freud sobre a defesa em cada uma das três topografias. Veremos as hipóteses da repressão pela retirada de catexes e da repressão pelo corte no enlace verbal, e como estas duas formulações serão mantidas no decorrer da obra de Freud paralelamente.

No tópico 2.3 discriminaremos a defesa na neurose e na psicose e introduziremos o conceito de cisão e de síntese psíquica. No tópico 2.4 examinaremos a questão de adequação

ou inadequação de uma defesa dizendo que para essa avaliação tem que estar necessariamente presente o critério de estágio evolutivo do aparelho psíquico.

O capítulo 3 será dedicado ao exame do conceito de angústia. Nos tópicos 3.1 e 3.2 revisaremos aquilo que é comumente chamado de "primeira e de segunda teorias sobre a angústia". Nas seções 3.4 e 3.6 retornaremos ao assunto demonstrando que a suposta "primeira teoria" fica referida a uma segunda etapa na constituição da "histeria ansiosa", quando já houve a repressão e a quantidade de excitação dissociada de seus engramas (ideativo e afetivo) sofre uma descarga visceral sob a forma de um ataque de angústia, e que a suposta "segunda teoria sobre a angústia" pode ser referida à etapa inicial de formação dos quadros psicopatológicos em geral, quando o ego recorre a uma angústia já experimentada provocando uma sinalização de alarme ao aparelho psíquico para que os recursos defensivos sejam postos em ação.

Para fazermos esta afirmação será necessário que , nos tópicos 3.3 e 3.5, re-interpretamos a concepção de Freud de que a neurose de angústia seria uma afecção de etiologia somática. Lançaremos mão daquilo que o próprio Freud afirma sobre o sintoma cardeal da neurose de angústia - a espera angustiosa - concluindo que necessariamente haveria um registro no aparelho psíquico referente à vivência de angústia e que este registro então seria o responsável pela formação de fobias nesta neurose e pela possibilidade de haver a constituição de uma psiconeurose a partir de uma neurose de angústia.

Neste capítulo, no tópico 3.4 nós proporemos o uso de uma nomenclatura que facilitará a compreensão tanto do funcionamento inadequado do ego quanto de seu restabelecimento através do processo analítico. Sub-dividiremos a percepção em dois mecanismos distintos efetuados por dois diferentes dispositivos: o "ego-seletor", que será o responsável pela seleção dos estímulos, e o "ego-avaliador" (*), órgão que deverá fazer inferências e avaliações a partir do material selecionado procurando sempre a proteção ao aparelho psíquico. Veremos como nos estados neuróticos podemos falar de uma falha no funcionamento do dispositivo ego-avaliador. Hipotetizamos também o conceito de "núcleo associado à situação traumática" dizendo que a falha na avaliação do ego ocorreria toda vez que frente à catetização de determinado engrama pertencente a este núcleo ele não fosse capaz de re-avaliar tal associação efetuando a sinalização de angústia baseado em simples inferência aleatória.

Uma vez bem compreendida a importância da angústia na etiopatogenia das chamadas afecções neuróticas passaremos no capítulo 4 à descrição do processo de formação destas afecções.

Na seção 4.1 revisaremos os conceitos de frustração e de conflito estabelecendo que ambos os fenômenos seriam as situações iniciais de desarranjo no aparelho psíquico. No tópico 4.2 reafirmaremos a possibilidade que tem o ego de aproveitar uma angústia já experimentada para provocar uma angús-

(*) "ego-seletor" e "ego-avaliador" como serão definidos no cap. 3.

tia moderada no aparelho psíquico impelindo-o à repressão. Em 4.3 nos dedicaremos a um fenômeno de capital importância dentro do trabalho: o fenômeno da regressão. Especificaremos os quatro tipos de regressão referidos por Freud tentando delimitar claramente a qual deles estaremos nos referindo quando utilizarmos o termo no decorrer do trabalho: à regressão formal do aparelho psíquico. A seguir examinaremos as três linhas genéticas de desenvolvimento da libido (no sentido de aparelho psíquico), ou seja, o desenvolvimento da organização libidinal, o desenvolvimento das relações objetais e o desenvolvimento do ego. Em relação a este último examinaremos ainda três subdivisões possíveis: a evolução do processo psíquico primário a processo psíquico secundário, a evolução de princípio do prazer para princípio da realidade, e finalmente a evolução de ego dissociado a ego sintético.

Compreenderemos de que forma é possível falarmos de regressão com referência a uma dessas linhas sem necessariamente estarmos implicando na regressão com referência às outras. Isto será importante quando voltarmos a falar sobre regressão no "setting" analítico.

No tópico 4.4 abordaremos a "condição quantitativa" na constituição das neuroses. Veremos que o fator "Q" diz respeito à quantidade de excitação e que o fator "C" vai designar a capacidade, a força do ego. A relação de ambos estará referida a um determinado valor tomado como limiar que define as soluções como patológicas sempre que este valor for ultrapassado. Veremos como isto poderá ocorrer por um aumento de

"Q" ou por uma diminuição de "C".

Na seção 4.5 examinaremos aquilo que Freud chamou de "equação etiológica", esclarecendo o que seria a "condição qualitativa" da causação da neurose; diremos que esta condição estará cumprida sempre que houver a existência irrecorrível do fator "E" da equação, o fator "essencial".

Uma vez esclarecido todo o percurso da representação reprinida que acompanha o processo de formação da neurose, uma vez compreendido o desempenho do ego que tenta salvar o aparelho psíquico de reviver uma angústia utilizando modos de defesa os mais inadequados, e por fim, uma vez de posse de esclarecimento sobre as vicissitudes da relação entre a angústia e a defesa, passaremos ao 5º capítulo que será então uma tentativa de explicação metapsicológica do processo de análise. Esta explicação, como já dissemos no início desta introdução, vai se restringir ao exame do mecanismo que desfaz uma solução adotada pelo ego frente a um conflito oferecendo-lhe a possibilidade de escolher solução mais adequada. Veremos que assumir uma nova solução estará diretamente referido à re-avaliar a situação conflitiva.

Veremos como através de diversos recursos que favorecem a regressão o terapeuta inicia o seu trabalho buscando os núcleos associados à representação reprinida pois, quando o curso associativo do paciente faz com que as catexes nobilizem aquelas representações associadas à representação reprinida o ego vai efetuar a avaliação de perigo dando início a nova repressão ou ao fortalecimento das contra-cargas responsáveis

pela manutenção do reprimido.

Este momento hipotetizaremos como o momento em que a atuação do analista opera no sentido de desfazer a ação compulsiva do ego, oferecendo-lhe oportunidade de nova avaliação uma vez controlada a angústia iminente, e a partir daí nova solução defensiva.

Para sustentarmos esta hipótese formularemos no tópico 5.1 uma proposição que chamaremos de "função de presença" do analista que dirá respeito à atuação deste "enquanto terapeuta"; isto significará que, através de um desempenho que corresponda a uma competição de catexes entre as representações inconscientes da formação transferencial e as representações pré-conscientes da mesma, pode a angústia ser controlada por ele para que o ego re-avalie a situação presente. No tópico 5.2 passaremos os olhos sobre os objetivos do processo terapêutico a respeito dos quais voltaremos a falar na seção 5.7, tentando traduzí-los para uma linguagem metapsicológica. No tópico 3 examinaremos a questão da resistência reafirmando que serão medidas presentes no processo analítico que corresponderão à necessidade do ego de evitar o re-surgimento da angústia. Em 5.4 mostraremos de que forma a situação analítica pode primarizar o funcionamento psíquico com vistas a oferecer nova formação de compromisso incluindo a imagem do analista, pela neurose transferencial. No tópico 5.5 faremos uma segunda proposição quanto à situação do analista, falando de uma "função de ausência", que corresponderia à ausência do terapeuta enquanto estimulador da mobilização das imagens pré-

conscientes da formação transferencial. Esta função diz respeito ao terapeuta "enquanto objeto transferencial".

Na seção 5.6 tentaremos uma hipótese explicativa do fenômeno da transferência enquanto resistência, lançando mão dos subsídios oferecidos no tópico 5.1 e referindo este fenômeno à situação de ganho na competição de catexes promovida pelo analista num determinado momento, pelas representações inconscientes. Finalmente na seção 5.7 revisaremos as proposições mais importantes, relevando a hipótese de ser através do manejo da angústia feito pelo terapeuta que o processo de reavaliação do ego e admissão de nova solução frente ao conflito pode ter lugar dentro do processo analítico.

1 - A METAPSICOLOGIA

1.1 - O MODELO E SUA IMPORTÂNCIA

Em 1895 Freud (50) teve o objetivo explícito de construir uma teoria científica - natural para explicar os fenômenos psicológicos. Para tanto procurou representar os processos psíquicos "... como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando así a esos procesos un carácter concreto e inequívoco." (50, pp.378). O resultado deste trabalho teórico foi a elaboração de um modelo de desenvolvimento do aparelho psíquico bem como de sua estrutura e funcionamento - a metapsicologia, com seus três pontos de vista: topográfico, econômico e dinâmico (2, 53).

É nossa intenção valorizar particularmente este empreendimento teórico na medida em que ele corresponde aos cânones da metodologia científica e permite um "retorno" ao trabalho científico de Freud, separando-o das distorções que lhe foram atribuídas por seus hermenutas e seguidores.

Freud, no decorrer de sua obra, nos fez a cada momento, testemunhas de sua preocupação com o rigor metodológico sempre presente em seu trabalho de construção teórica. Uma vez de posse dos dados de observação (coletados a partir da clínica e das teorias pressupostas) articulava-os a um novo corpo teórico, racionalmente construído, desta forma operando dialeticamente entre um modelo explicativo e o material empírico (que constitui o ponto de partida e de eventual aplicação da ciência freudiana).

A construção deste aparelho psíquico, hipoteticamen-

te real e espacialmente extenso (15, 29, 40), atesta a intenção de Freud de oferecer aos fenômenos psicológicos um modelo explicativo que tenha lugar dentro das ciências naturais. É sobre esta construção que centraremos aqui nosso interesse.

1.2 - A NOÇÃO DE CONFLITO NAS TRÊS TEORIAS DO APARELHO PSÍQUICO

Freud formulou três teorias do aparelho psíquico, com grandes e importantes modificações quanto ao aspecto topográfico. A estas reformulações da topografia corresponderam hipóteses também novas quanto à economia e à dinâmica do aparelho em montagem. Vamos tomar como referência os três momentos em que Freud propõe uma nova topografia e chamar aqui de primeira teoria do aparelho psíquico as proposições contidas nos trabalhos de 1895 (50) e 1896 (49); de segunda teoria do aparelho psíquico as hipóteses formuladas nos trabalhos de 1900 (15) até 1915, e finalmente de terceira teoria do aparelho psíquico as idéias referidas aos artigos que se situam a partir de 1923.

Nas seções seguintes veremos cada uma de per si, procurando relevar particularmente a metapsicologia da situação de conflito, noção central dentro deste trabalho, com a qual lidaremos também nos capítulos seguintes.

1.2.1 - A PRIMEIRA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

Dissemos que o aparelho psíquico é uma "construção hipotética". Ele corresponde ao cenário (Schauplatz) onde se desenrolam processos neuro-fisiológicos particulares, que têm como "concomitantes dependentes" os fenômenos ditos psicológicos da personalidade, isto é, fenômenos afetivos, volitivos e

cognitivos.

Na sua primeira teoria do aparelho psíquico Freud (50) propõe uma construção que evolui segundo um critério de adaptação às exigências da vida. Esta construção se inicia na referência a um neurônio elementar que é sede de um "arco reflexo" também elementar e termina num aparelho psíquico que é um "arco reflexo" extremamente complexo capaz de garantir a sobrevivência do organismo.

Há duas estruturas infra-psíquicas que são o sistema neurônico Phi e o sistema neurônico Psi-nuclear, e duas estruturas psíquicas propriamente, que são o sistema Psi-pallium e sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego. (*)

Do sistema Phi diremos que é a estrutura mais elementar e que recebe estímulos vindos do exterior. Obedece ao "princípio da inércia" e tende a um nível de tensão igual a zero, através de um impulso designado "reflexo de fuga".

Do sistema Psi-nuclear diremos que é estruturalmente mais complexo e recebe estímulos internos, além dos que lhe chegam através de Phi. É dotado de "barreiras de contato" e visa a manter o nível de energia armazenada constante. Obedece portanto ao "princípio da constância" e reage a todo e qualquer aumento de tensão com um impulso que visa a descarregar o excesso para retornar ao nível de tensão constante. Este impulso é designado "reflexo adequado".

As duas estruturas hierarquicamente superiores denominadas Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego serão res-

(*) nomenclatura sugerida por Barros (1)

ponsáveis pela explicação dos fenômenos psicológicos, isto é, dos fenômenos afetivos, volitivos e cognitivos.

Do sistema Psi-pallium diremos que é dotado de memória e capacidade de aprendizagem, e sua topografia permite um livre escoamento de energia no sentido da busca do prazer e da evitação do desprazer.

Há momentos na construção teórica de Freud (50, 2, 30) em que ele identifica esta tendência do psiquismo a obedecer ao "princípio do prazer" como equivalente à tendência do sistema Psi-nuclear a manter o nível de energia dentro de um valor constante, ou seja, ao "princípio de constância". Esta teria sido a formulação original de Freud a respeito do "pr. do prazer", substituída a partir de 1900 (15, 21) pela associação de "prazer" à obtenção de uma identidade perceptual com o objeto de satisfação, caracterizando o desejo primário, e ao apagamento da imagem do objeto hostil, caracterizando a repulsa ou defesa primária. Dentro desta perspectiva "prazer" e "desprazer" já não se referem mais às vicissitudes da quantidade de energia em Psi-nuclear mas estão referidos ao processo psíquico que regula as relações do aparelho psíquico com os objetos do mundo externo.

Dissemos que as estruturas Psi-pallium e Psi-pallium -inibido-pelo-ego deveriam dar conta de fenômenos psicológicos. Pois bem, a consideração de que "pr. do prazer" é o estudo do "desejo" em relação ao objeto de satisfação, e da "repulsa" em relação ao objeto hostil (2) nos remete agora ao exame destas duas primeiras forças que surgem no aparelho psíquico denomina

das "desejo" e "repulsa", emergentes como resíduos das experiências prototípicas, respectivamente, "de satisfação" e "de dor".

A primeira força vai dizer respeito a uma tendência que se estabelece no aparelho psíquico, após a "experiência de satisfação", à reperceber o objeto de satisfação sempre que sua memória for evocada.

A segunda força vai se referir à tendência que se estabelece no aparelho psíquico, após a "experiência de dor", a apagar a imagem do objeto que causou dor sempre que sua memória fôr evocada.

O que chamamos anteriormente de busca de prazer e evitação do desprazer com respeito ao funcionamento do sistema Psi-pallium, caracterizando o "princípio do prazer", nada mais é senão a expressão destes dois movimentos primários que surgem no aparelho psíquico inaugurando a vida de relação do indivíduo.

Vamos esclarecer um pouco mais a respeito deste primeiro par de forças que se instaura no aparelho psíquico a partir do estabelecimento de relações e trocas entre aparelho e meio. Estas duas forças, "desejo" e "repulsa", caracterizam antes de mais nada o funcionamento típico deste sistema, que por condições topográficas específicas (livre escoamento de energia) atende primariamente ao prazer em detrimento de qualquer exame da realidade. Podemos dizer que em Psi-pallium operam apenas "processos psíquicos primários" e a lei vigente é obedecer ao "princípio do prazer".

A "experiência de satisfação" que vai deixar como resultado uma força no aparelho psíquico que denominamos "desejo" pode ser descrita da seguinte forma: a partir de uma tensão que se estabelece no aparelho psíquico quando do aumento de energia acima do nível constante em Psi-nuclear, que é percebido como desprazer (infra-psíquico) e da presença de um objeto de satisfação adequado a fazer cessar a entrada de energia da fonte somática, resultam registros mnêmicos desta experiência que ficariam fortemente facilitados entre si representando um circuito específico.

Esta primeira "experiência de satisfação" determina o curso que seguirá a energia psíquica nas subsequentes situações de novo aumento de tensão nuclear registrado e realimentado em Psi-pallium. A força que designamos como "desejo" é a força que se estabelece no aparelho psíquico quando a memória do objeto de satisfação é recatetizada fazendo surgir como decorrência a busca de uma identidade perceptual, através de alucinação. A energia circula no aparelho de tal modo a investir fortemente a memória do objeto de satisfação e a quantidade de catexes determina a sua percepção em caráter alucinatório.

A hipótese aqui é: se o aparelho está funcionando em processo primário então evocação e percepção se confundem. Na segunda topografia, como veremos, este critério será substituído.

O modelo da "experiência de dor", por outro lado, vai apontar para uma força simétrica à do desejo, e pode ser

descrito da seguinte maneira: a presença de um objeto hostil que inflige dor (grande quantidade de energia vinda de Phi) vai desencadear uma série de eventos cujo resultado deixa privilegiado um diferente circuito entre as memórias registradas durante a experiência. Assim, fica facilitada a conexão entre a memória do objeto hostil por um lado, um grupo de neurônios aos quais Freud denominou "neurônios secretores" por outro, e ainda a memória do reflexo de fuga ocorrido quando o organismo fugiu reflexamente da dor que vinha de uma determinada direção.

Dissemos que a dor poderia ser caracterizada como a entrada de grande quantidade de energia vinda do mundo externo através de Phi; acrescentaremos agora que em Psi-nuclear ela decorre de um grande aumento de quantidade que eleva rápida e acentuadamente o nível de energia acima do constante. Mas há duas situações em que Psi-nuclear registra um aumento na quantidade de excitação e não está havendo efetivamente entrada através de Phi: a primeira é quando o objeto hostil é apenas percebido; a segunda é quando sua imagem é simplesmente evocada. A hipótese da existência de "neurônios secretores" tenta explicar de que forma isto ocorre e estabelece que haveria uma conexão entre eles e o sistema Psi-nuclear de tal forma que o objeto hostil não precisaria necessariamente estar presente causando dor para que o aparelho psíquico assumisse medidas de proteção. Os "neurônios secretores" atuam aumentando o número de catexes em Psi-nuclear para que entre em ação a força que denominamos "repulsa".

Freud hipotetiza a este respeito que a fuga, refle-

xo inato, deu lugar a uma defesa adquirida - promover a desaparecimento da imagem - passível de ser acionada quando o objeto é interno. A "repulsa" é a força que vai decajetizar a memória do objeto hostil livrando assim o aparelho psíquico de uma re-vivência desprazerosa.

Para sumarizar, podemos reorganizar tudo que vimos sobre o funcionamento da estrutura denominada Psi-pallium da seguinte forma: estamos diante de um sistema dotado de memória e aprendizagem. Há registros de experiências que ficam facilitados entre si caracterizando percursos privilegiados. A "experiência de satisfação" inscreve um percurso que aponta para uma força denominada "desejo", e a "experiência de dor" para uma força simétrica denominada "repulsa". Este primeiro par de forças que surge no aparelho psíquico ocorre em obediência ao que chamamos "princípio do prazer" no seu segundo sentido, psicológico, e opera desconsiderando as exigências da realidade.

Ora, um dispositivo dotado apenas com este sistema de funcionamento encontraria certamente grandes obstáculos à sua sobrevivência pois a realidade que ao mesmo tempo é desconsiderada é também condição implícita para a manutenção do próprio aparelho. Em verdade, toda tensão só poderá ser reduzida a partir de uma ação que faça cessar a entrada e o progressivo aumento de quantidade em Psi-nuclear que provém de fontes somáticas. Esta ação Freud qualificou de "específica", ou seja, que satisfaz a "tensão de necessidade".

O sistema que acabamos de examinar não é então ca -

paz de elaborar a tensão a nível de "ação específica" mas tenta resolvê-la alucinando o objeto de satisfação ou apagando a memória do objeto de dor, medidas ineficazes em termos adaptativos.

Freud (50) postula então uma outra estrutura mais complexa e capaz de fazer frente às demandas do meio. Esta estrutura é a que denominamos Psi-pallium-inibido-pelo-ego. Possui todas as possibilidades do sistema anteriormente descrito, e uma sub-estrutura muito própria - o ego. Ego aqui é um conjunto de neurônios com facilitações fixas e permanentes entre si, contendo grande quantidade de energia armazenada.

Por serem fortemente catetizados atuam competindo com o fluxo de catexes que corre primariamente na direção da memória do objeto de satisfação e na direção dos "neurônios secretores". Esta atuação possibilita a procura no mundo exterior do objeto real de satisfação assim como a possibilidade de uma conduta evitativa em relação ao objeto hostil, ambas as soluções a partir do adiamento da descarga motora, com o objetivo de permitir a "ação específica" que vai reduzir a "tensão de necessidade". Assim, a adaptação e a sobrevivência do organismo estarão asseguradas.

Podemos dizer agora que esta atuação adaptada constitui um novo par de forças sinétricas no aparelho psíquico : o "desejo-inibido-pelo-ego" ou desejo secundário e a "defesa". O primeiro, como dissemos, permitindo a procura na realidade do objeto adequado à satisfação, e o segundo permitindo o reconhecimento do objeto hostil para a consecução de uma condu-

ta evitativa.

O sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego é então regido pelo "princípio da realidade" e os processos que nele ocorrem designamos com o nome de "processos psíquicos secundários".

A passagem que o aparelho psíquico faz de funcionar em "pr. do prazer" para funcionar em "pr. da realidade" não significa no entanto que aquela tendência que designamos como característica do aparelho psíquico, que seria a busca do prazer e a evitação do desprazer, tenha sido abandonada (21). O sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego, por ser uma estrutura mais organizada que tem que atender ao objetivo de sobrevivência deste aparelho, continua a buscar o prazer e a evitar o desprazer porém o faz de forma mais elaborada, substituindo o "desejo" por um desejo secundário e a "repulsa" por uma defesa também secundária.

Assim, de posse do que vimos até agora podemos advertir duas situações em que o aparelho psíquico opera justificadamente sob o regime de "processo psíquico primário", desconsiderando às exigências do meio: a primeira delas é no início do desenvolvimento, quando o bebê ainda não pode contar com uma estrutura de ego que opere adaptativamente. A segunda é quando já houve o desenvolvimento mas o que existe é um ego inoperante. Este é o caso da regressão.

Vamos agora configurar metapsicologicamente a situação de "conflito", lançando mão do que já sabemos a respeito do funcionamento do aparelho psíquico. Diremos que, quando a

memória de uma "experiência de satisfação" (um engrama que uma vez reativado vai desencadear uma força que denominamos "desejo") estiver associada a outra memória que seja fruto de uma "experiência de dor" (engrama que uma vez reativado vai desencadear a força que denominamos "repulsa") esta associação constituirá o conflito psíquico. Veremos como, na segunda teoria do aparelho psíquico Freud (15, 18, 30) vai falar do conflito como sendo entre exigências referidas à vida sexual em contraposição a exigências do ego.

Gostaríamos agora de ressaltar um aspecto desta montagem teórica do aparelho psíquico que Freud propõe em 1895. É o que concerne ao critério utilizado para definir os dois sistemas psíquicos que caracterizam uma evolução do aparelho, sistema Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego. O critério usado é referido ao modo de circulação da energia dentro do sistema. Em Psi-pallium uma circulação livre de obstáculos constituindo os "processos psíquicos primários", em Psi-pallium-inibido-pelo-ego uma circulação controlada constituindo os "processos psíquicos secundários".

A partir de 1896 (49) Freud vai procurar incessantemente critérios adicionais que definam os sistemas propostos e somente na terceira teoria do aparelho psíquico, em 1923, volta a se utilizar deste primeiro critério definindo o ID como sede dos "processos psíquicos primários", operando com catexes livres e definindo o Ego como sede dos "processos psíquicos secundários" operando com catexes ligadas.

Dentro do que dissemos constituir a primeira topo -

grafia, os artigos de 1895 e 1896, temos um exemplo desta tentativa de encontrar um critério adicional, na carta nº 52 (49), enviada a Fliess. Nela Freud propõe que o conteúdo existente no aparelho psíquico sejam as memórias e que estas memórias sofreriam de tempos em tempos sucessivas transcrições, obedecendo a reorganizações associativas. Desta forma, somente as transcrições mais recentes seriam acessíveis à consciência, as mais antigas seriam inconscientes. Este critério cronológico-desenvolvimentista permanece ainda na segunda topografia (15) e só vai ser substituído em 1915.

1.2.2 - A SEGUNDA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

No trabalho chamado "A Interpretação dos Sonhos" (15) Freud propõe modificações quanto à topografia do aparelho psíquico. Em 1915 (35) acrescenta novas formulações, como veremos adiante, mas há um aspecto que gostaríamos de relevar particularmente referido a este período: diz respeito ao esquecimento em que caiu o estudo da defesa nesta segunda montagem. As forças da "repulsa" e da "defesa" são pouco a pouco abandonadas e a estrutura defensiva que é postulada se refere a um construto de caráter topográfico, a censura (15, 35) e não mais como um conceito dinâmico que atuasse paralelo ao "desejo" constituindo o motor de funcionamento do aparelho psíquico, como vimos na primeira topografia.

O abandono da defesa nesta segunda teoria do aparelho psíquico trouxe então sérias consequências. Uma vez concebido que as únicas forças presentes no aparelho psíquico seriam aquelas originárias de fontes somáticas, ou seja, os de-

sejos primário e secundário, tornou-se difícil a tarefa de caracterizar o que seria o "conflito psíquico".

Vamos examinar primeiro o que ocorreu quanto às reformulações topográficas desta segunda teoria: Freud (15) vai falar em I^o e II^o sistemas e vai passar a procurar um critério externo a "processo psíquico primário" e "processo psíquico secundário" para a pertinência do material mnêmico aos sistemas; passa a dizer que ao I^o sistema pertenceria (não mais os conteúdos regidos pelo "processo primário" somente mas) o conteúdo ARCAICO do acervo mnêmico, referido a imagens pretéritas em relação ao curso de desenvolvimento do indivíduo, e ao II sistema pertenceria o material (não mais regido pelo "processo secundário somente mas) referido a representações mnêmicas recentemente registradas no aparelho psíquico. Este é o chamado critério cronológico ou desenvolvimentista, que será substituído pelo critério de acessibilidade à consciência.

Em 1915 Freud não vai mais se referir a I^o e II^o sistemas, mas vai falar de inconsciente e pré-consciente, propondo que ao sistema INC. pertenceriam os conteúdos mnêmicos inacessíveis à consciência (regidos por "processo psíquico primário"), e ao sistema PREC. pertenceriam aquelas representações que não encontrassem oposição à sua passagem para a consciência (regidas por "processo psíquico secundário"). Somente em 1923, no artigo denominado "O Ego e o Id" (33) é que Freud abandona a procura de um critério externo ao modo de circulação da energia e retorna à ótica de 1895 (50) propondo que pertenceriam ao ID todos os conteúdos que fossem regidos pelo

"processo psíquico primário" e pertenceriam ao EGO todos os conteúdos regidos pelo "processo psíquico secundário". Em outras palavras, o ID e o Ego passam a ser sistemas que se definem pelo tipo de processo que os rege. Em 1923 Freud não vai mais falar de inibição pelo ego mas sim de catexes livres e catexes ligadas, como já dissemos anteriormente.

Em 1915 (28, 29) Freud formula três hipóteses sobre a localização das representações psíquicas. A primeira delas é a dos dois registros, ou seja, é a que hipotetiza que cada representação é inscrita tanto no sistema INC quanto no sistema PREC. Quando a memória passa de um sistema a outro ela recebe um novo registro, dentro de uma nova localidade psíquica sem no entanto perder o registro original.

A outra hipótese é a da mudança de estalo das representações. Uma memória que passe do sistema PREC para o sistema INC não recebe nova inscrição, nem muda de localidade, mas perde a catexes pré-consciente (do sistema PREC) e é investida com catexes do sistema INC, mudando desta forma seu estado de memória pré-consciente para memória inconsciente.

E finalmente a terceira hipótese vai dizer respeito a dois tipos de representação possíveis de uma experiência: uma representação de "objeto" e uma representação de "palavra". O sistema INC integra as catexes referidas as representações de "objetos" somente. O sistema PREC associa a estas representações de "objeto" uma sobrecarga representativa de uma mais elevada organização psíquica - a que faz conexão dos objetos com as palavras, que pode substituir "processo psíquico

co primário" por "processo psíquico secundário", a que Freud designou como representações verbais, que realizam o "enlace verbal" junto as representações de "objeto".

A primeira dessas formulações guarda certa semelhança com a hipótese levantada em 1896 a respeito das transcrições de material psíquico, como vimos na primeira topografia.

Voltando nossos olhos agora para o ponto de vista dinâmico referente a esta segunda montagem, podemos afirmar que em 1900 (15) Freud ainda reafirma a força da "repulsa" mas abandona o conceito de "neurônios secretores". A dinâmica do aparelho psíquico passa pouco a pouco a ser caracterizada em função das vicissitudes de uma única força - o desejo (15).

Esta desatenção de Freud quanto ao aspecto defensivo dentro de sua segunda teoria do aparelho psíquico é que o levou a designar a formação onírica como um processo cujo único fim seria a "realização de desejo", ficando por explicar de que maneira poderiam ser entendidos os sonhos de angústia (15, 35).

É somente em 1915, quando a partir da reformulação das relações do aparelho psíquico com a realidade, que Freud retoma todo um interesse sobre os resíduos dinâmicos da "experiência de dor". O exame da realidade deixa de ser função do processo secundário, como vimos na primeira topografia. Passa a ser função de um dispositivo que denominou "Perceptual-Consciente (31) abrindo-se então uma independência relativa entre duas linhas de desenvolvimento do Ego: "processo psíquico primário" evoluindo para "processo psíquico secundário",

e "princípio do prazer" evoluindo para "princípio da realidade". O primeiro correspondendo ao modo de circulação da energia dentro do aparelho psíquico, com ou sem a intervenção do ego, e o segundo atendendo a uma correspondência positiva ou negativa entre percepção e representação.

Esta reformulação conceitual recoloca a importância da defesa enquanto processo dinâmico. Assim a "repulsa" volta a assumir um lugar junto ao "desejo" para se constituírem na condição específica da formação do conflito. Pode, dessa forma, o sonho de angústia ser facilmente compreendido como uma falha na defesa para a produção do sonho, que seria necessariamente uma formação de compromisso entre as duas forças (desejo e defesa) assim como o próprio fenômeno da "angústia" passar a primeiro plano para uma explicação mais abrangente no processo de formação das neuroses.

Sob o ponto de vista econômico, a teoria de 1900 está bastante próxima à anterior, ou seja, os processos psíquicos primário e secundário estabelecem o acesso à realidade. É em 1915 (31) que, com o recurso do dispositivo "perceptual - consciente", vão se constituir aqueles dois referenciais distintos quanto à evolução do Ego, como vimos anteriormente.

1.2.3 - A TERCEIRA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

A terceira teoria do aparelho psíquico foi elaborada na tentativa de dar conta de algumas dificuldades surgidas: Freud (33) indica que "o inconsciente não coincide com o reprimido", e que do ego também partem as repressões.

Com o objetivo de atender a estas novas colocações

Freud sistematiza uma terceira topografia para o aparelho psíquico, composta de dois sistemas: o ID e o EGO (33). Os termos "inconsciente" e "pré-consciente" passam a indicar a qualidade ou o estado de uma memória, podendo esta independente disso pertencer ao ID ou ao EGO.

Notamos aqui que Freud abandona a procura de um critério adicional e retorna à ética de 1895 para afirmar que a estrutura ID seria caracterizada pelo funcionamento do aparelho em "processo psíquico primário", a estrutura EGO em "processo psíquico secundário", tal qual havia formulado quando falava de Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego. O modo de circulação da energia que designa as estruturas ID e EGO vão agora apontar para o conceito de "catexes livre" e "catexes ligada", respectivamente.

Freud indica que os processos que pertencem ao ID obedecem a determinadas leis que vão diferir radicalmente das leis que regem os processos do EGO. Aponta para dois mecanismos típicos de "processo psíquico primário" que ocorrem no ID: o deslocamento e a condensação. O primeiro diz respeito à mobilidade da energia psíquica de passar de um engrana a outro podendo desrespeitar uma determinada sequência associativa para fins defensivos, e o segundo caracteriza a possibilidade de uma mesma representação conter intensidades energéticas de várias outras.

Estes dois processos estão na base da formação dos sonhos e das neuroses mas podem estar presentes também a qualquer momento no aparelho psíquico sem necessariamente caracte

rizarem nenhum prejuízo maior ao seu funcionamento.

Ao ID, Freud (2, 33) confere o status de sistema mais arcaico do aparelho psíquico, sede dos "processos psíquicos primários", como vimos, estrutura a partir da qual se diferencia o EGO, seu mediador frente a realidade. O EGO fica sendo sede ou lugar dos "processos psíquicos secundários" e tem sua origem nas camadas mais periféricas do aparelho, contactadas com a percepção do mundo externo. É em virtude da relação entre percepção e atividade muscular que a direção de seu desenvolvimento aponta para um controle crescente da atividade voluntária (40).

Ainda quanto à topografia Freud mantém aquelas duas hipóteses sobre a localização das representações: a da mudança de estado por substituição de catexes sistêmica, e a de "enlace verbal", se utilizando das duas de forma indistinta.

Afirma que as representações verbais são restos mnêmicos que foram em um momento dados percepções. Ao EGO pertenceriam as imagens associadas a representações verbais. Ao ID pertenceriam as representações reprimidas, ou seja, aquelas desprovidas de um vínculo a uma referência verbal, ligadas tão somente a uma referência de objeto (33).

Sob o ponto de vista dinâmico dissemos no item anterior que é na terceira teoria do aparelho psíquico que os processos defensivos voltam a merecer atenção, já estreitamente vinculados ao fenômeno da angústia. É em 1923 que reaparece mais claramente a força que denominamos "repulsa" e a consideração de que no aparelho psíquico não atuam somente aquelas for

ças originárias das necessidades somáticas: desejos primário e secundário (53).

A configuração do conflito volta a apontar para aquela situação em que a realização de um desejo implica numa re-vivência de dor, ou seja, de que a possível re-catetização da memória do objeto de satisfação virá necessariamente acompanhada da re-catetização da memória do objeto hostil.

O conceito de angústia é então re-definido (35) e passa a caracterizar a força que aciona os mecanismos de defesa para evitar a situação de conflito por meio de um sinal - o "sinal de angústia".

Este sinal é uma reprodução mitigada da reação de angústia frente a uma situação traumática experimentada pelo sujeito, e opera no sentido de alertar a aproximação de um perigo, que seria re-experimentá-la.

O EGO podendo perceber que determinada exigência de satisfação estabelece a situação perigosa reassegura-se dando o sinal de alerta e desencadeando as operações defensivas necessárias.

Nesta terceira teoria, o ponto de vista econômico vai novamente apontar para a autonomia relativa entre "processos psíquicos primário e secundário" em relação a "princípios de prazer e de realidade". Freud reafirma que é pelas relações que o EGO mantém com o sistema "percepção-consciência" que haverá o exame da realidade.

2 - A DEFESA

2.1 - O MODELO DA AB-REAÇÃO E O MODELO DA DEFESA

No início da década de 90 havia um grande empenho na elucidação dos mecanismos referentes ao fenômeno da histeria. Janet havia contribuído, a partir de investigações clínicas, com a hipótese de que a "dissociação da consciência" seria um traço primário da modificação histórica que dependia de uma debilidade congênita da capacidade de síntese psíquica. Breuer, por sua vez, apontava para o caráter secundário da dissociação, dizendo-a adquirida devido a estados oniriformes caracterizados por uma diminuição da capacidade associativa para os quais reservou o nome de estados hipnóides.

Em 1893, num trabalho intitulado "sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos históricos: comunicação preliminar" (4) temos acesso ao modelo da ab-reação que viria a dar conta do fenômeno da conversão histórica, trabalho este escrito em parceria por Breuer e Freud. A hipótese sustentada era a de que havia determinadas experiências que ocorriam em referência a um estado psíquico, o estado hipnóide. Nele a distribuição da quantidade de energia psíquica era o fator responsável pela impossibilidade do aparelho psíquico de resolver a tensão correspondente à experiência através de descarga adequada. A quantidade ficava assim retida sem possibilidade de sofrer correção. Esta experiência é qualificada de traumática e a quantidade de excitação referida a ela de afeto es-trangulado.

A conversão podia assim ser entendida como a expres

são lesse acréscimo de quantidade que num determinado momento sofria uma descarga súbita. A terapia viria a consistir na possibilidade do afeto estrangulado ser ab-reagido, obtendo-se desta forma a correção da constância.

É esta referência patogênica a uma quantidade de energia psíquica que Freud (5) vai então em 1894 substituir por outro modelo explicativo: o modelo da defesa, que vai apontar para uma qualidade afetiva associada a certos complexos ideacionais. Esta nova proposta a respeito da gênese dos distúrbios psíquicos revoluciona então rigorosamente toda a concepção da época sobre o funcionamento mental (2).

O modelo da ab-reação dá lugar ao modelo da defesa e a experiência traumática passa a indicar uma experiência associada a uma qualidade afetiva penosa da qual o indivíduo procura proteger-se, afastando-a da cadeia associativa consciente para constituir um segundo grupo psíquico - o inconsciente. Em outras palavras, o afeto estrangulado é deslocado para uma referência a um afeto penoso e a terapia deixa de buscar a ab-reação da quantidade retida para se interessar pelo exame das circunstâncias em que ocorreu a defesa contra o "afeto penoso" (isto é, a angústia).

Esta nova proposição de Freud introduz na psicanálise um conceito de importância central pois será a partir dele que se estruturarão as soluções patológicas que examinaremos a seguir: o conceito de conflito psíquico. Com isso, Freud (2, 5) pôde ampliar extraordinariamente a compreensão a respeito de outras afecções neuróticas até então fora de seu cam

po de interesse, passando a reuni-las todas sob a designação de "neuro-psicose: de defesa". Desejamos relevar particularmente este momento da construção teórica de Freud na medida em que ele representa a inauguração mesma da psicanálise (34) e na medida em que a noção de conflito assume em nosso trabalho um lugar de destaque.

Vamos estabelecer agora que o uso do termo defesa vai estar referido a todo e qualquer recurso utilizado pelo ego para solucionar um conflito (frustração), situação capaz de causar angustia.

No capítulo 1 vimos que o aparelho psíquico é capaz de, como na experiência de dor, lançar mão de uma medida que visa também protegê-lo de experimentar o desprazer ou a dor mas tal medida surge frente ao aparecimento ou a evocação de um objeto hostil, o que não ocorre com o conflito; este recurso protetor nós nos referiremos a ele como mecanismo da "repulsa". Ao conflito reservaremos a configuração do aparelho psíquico que num determinado momento associa a "repulsa" ao "desejo", que tende a evocar um objeto porque ele causaria prazer e tende ao mesmo tempo a apagar a sua imagem porque ele também causaria angústia.

Agora diremos o seguinte: existe um limiar para o aumento de catexes em psi-nuclear que define o surgimento da angústia quando a dor ou desprazer não são resolvidos e com isso continua a subir o nível da constância. Ultrapassado este limiar o aparelho psíquico entra em angústia. Podemos assim sustentar que resolver o conflito é uma tarefa executada

pelo ego que visa impedir que o aparelho psíquico experimente angústia, ou seja, que a defesa é sempre uma defesa contra a angústia.

No capítulo 1 nós vimos também que existem duas estruturas psíquicas na primeira topografia: psi-pallium e psi-pallium-inibido-pelo-ego, que à primeira estão referidas duas forças ou impulsos: o "desejo" e a "repulsa", e que à segunda corresponderiam o "desejo-inibido-pelo-ego" e aquilo que chamamos de "defesa". Com isso, podemos falar também de dois níveis de conflito: aquele entre o primeiro par de forças pertencente à estrutura Psi-pallium e aquele entre o segundo par de forças, pertencente à psi-pallium-inibido-pelo-ego. Pois bem, diremos agora que entre a experiência de satisfação (que deixa como resíduo o "desejo") e a experiência de dor (que deixa como resíduo a "repulsa") não há uma simetria perfeita, pois a força do "desejo" torna-se recorrente mas a "repulsa" dá lugar a uma secundarização defensiva. Nós podemos entender o porquê disso: porque a partir da instalação das duas experiências, de prazer e de dor, o aparelho psíquico tem necessariamente que aprender a lidar com o surgimento de ambas associadas a uma mesma experiência, que é o que caracteriza o conflito, e a defesa contra o conflito terá de ser um recurso mais elaborado pois para vencer o advento da angústia esta defesa deverá resolver o conflito atendendo às duas demandas simultaneamente; realizar uma delas, o "desejo", significa expor o aparelho psíquico ao surgimento da angústia, realizar a outra, a "repulsa", significa expor o aparelho psíquico à vivência de frustração.

Os recursos defensivos que o aparelho psíquico pode lançar mão na sua tentativa de evitar a angústia podem ser muitos: a negação, a recusa, o isolamento, o juízo de condenação, o repúdio, a conversão, a transformação em angústia, a clivagem, a projeção, etc., mas há um que nos interessará particularmente no decorrer deste trabalho: a repressão. A repressão é o recurso utilizado pelo ego no sentido de resolver o conflito que consiste na dissociação das quantidades de excitação dos engramas ideativo e afetivo. Com isso ficam as representações reprimidas, sofrendo as quantidades de energia destinos diversos. A repressão é portanto uma medida que subtrai da consciência determinadas representações ocasionando lacunas mnêmicas. Através da repressão o indivíduo deixa de ter acesso a determinados engramas pertencentes à cadeia associativa do ego.

A repressão efetua assim uma primeira formação de compromisso entre as duas forças em luta no aparelho psíquico (14, 29, 59): o atendimento ao "desejo" ficará referido a uma associação substitutiva buscada a partir daí pelas quantidades de excitação dissociadas de seus engramas, e o atendimento à "repulsa" ficará referido à supressão destes engramas da cadeia associativa consciente. A este arranjo presente no aparelho psíquico sucede o que Freud chamou de estado de saúde aparente, dizendo que dele não temos a menor notícia. A segunda formação de compromisso constitutiva do processo de repressão, nós examinaremos na seção 2.3; ela será responsável pelo surgimento dos sintomas nas neuroses e nas psicoses.

2.2 - A DEFESA NAS TRÊS TOPOGRAFIAS

Dissemos que a noção de conflito sofreu algumas modificações no decorrer da obra de Freud. Vimos que no "Projeto" (50) sua caracterização se refere a existência de dois impulsos que se opoem no aparelho psíquico. É com referência a esta proposição que utilizaremos neste trabalho o termo conflito. Vale, no entanto, referir que em 1894 (5, 47), quando Freud propõe o modelo da defesa em substituição ao modelo abreação, e também na formulação de sua terceira topografia, vamos encontrar uma proposição a respeito do conflito fazendo referência à oposição não de dois impulsos mas de uma idéia presente no aparelho psíquico que seria incompatível com o ego. Em outras palavras, Freud em muitos momentos identifica o conflito como uma luta entre um impulso e uma estrutura, como no caso da "interpretação dos sonhos" (15) o que o colocava em sérias dificuldades para a explicação de outros determinados fenômenos, como foi a dos "sonhos de angústia", em 1900. Quando formula as instâncias do Ego e do ID volta a surgir a mesma colocação: o ID fica sendo a sede dos desejos e impulsos, e o Ego a das defesas. Convém repetirmos que uma releitura minuciosa dos textos freudianos permite a compreensão de duas estruturas: ID e EGO, e da ocorrência de "desejo" e de "repulsa" nas duas estruturas, na segunda não mais "desejo" e "repulsa" nas desejo secundário e "defesa" pois o ego é aquela estrutura que opera apenas com catexes ligadas. (*)

Visto isso vamos tentar uma sistematização das hipóteses freudianas sobre a defesa nas três topografias dizendo

(*) Barros, C.P. - comunicação pessoal.

de início que desde os primeiros trabalhos existem duas linhas de esclarecimento a respeito do processo defensivo que permanecem até o final, a despeito de todas as reformulações que sofreriam.

Chamaremos aqui uma delas de hipótese referida à retirada de catexes, e a outra de hipótese referida ao enlace verbal. Em 1890 (4) encontramos já uma referência que se desenvolveria mais tarde na proposição do enlace verbal quando Freud nos fala sobre "lesão de conceito" em seu estudo comparativo entre as paralisias orgânicas e histéricas. Em 1895 (50) está presente na referência à primeira: temos acesso às formulações sobre as experiências prototípicas de satisfação e de dor onde encontramos subsídios à hipótese da defesa pela retirada de catexes na descrição do mecanismo da repulsa. Em 1890 (4) encontramos a hipótese que se desenvolveria mais tarde na proposição a cerca do "enlace verbal" quando Freud nos fala sobre "lesão de conceito" em seu estudo comparativo entre as paralisias orgânicas e histéricas.

Na segunda topografia já vimos que o conceito de defesa perde a caracterização dinâmica e passa a ser descrito como um construto topográfico, a censura, que é capaz de opor obstáculos infranqueáveis à aspiração das representações pertencentes ao I^o sistema de fazerem parte do II^o sistema. A retirada de catexes do II^o sistema de uma determinada representação, que fica investida apenas com as catexes referentes ao I^o sistema, caracteriza a expressão da hipótese defensiva pela retirada de catexes sistêmica, que Freud mantém paralela

também na segunda topografia à hipótese do enlace verbal.

Em 1915 (15, 29, 30) apresenta muitos trabalhos metapsicológicos que tentam dar conta do fenômeno da defesa em relação às reformulações da topografia. No capítulo 1 nós vimos a hipótese tópica (29) que dizia respeito a uma mesma idéia possuir dois registros ou inscrições, um do sistema INC e outro do sistema PREC. Vimos também uma segunda hipótese ainda na referência de uma mudança funcional resultante do processo defensivo: a hipótese da mudança de estado de uma representação que permanece na mesma localidade psíquica. À primeira hipótese caracterizaria a repressão como a situação através da qual um material mnêmico pode ter impedido o seu acesso ao novo registro por ação da censura. A segunda expressão mais claramente a idéia da repressão pela retirada de catexes pois reprimir fica significando subtrair as catexes PREC de uma representação, ficando esta apenas portadora de catexes INC.

Tanto em 1900 quanto em 1915 a situação do conflito como desencadeador de mecanismos defensivos passa a ser caracterizada como uma luta entre a libido e o ego, ou seja, entre um impulso e uma estrutura. Freud dá mais e mais importância à sexualidade na etiologia das neuroses e caracteriza que é via de regra a demanda de uma satisfação instintiva que se constitui numa situação de perigo contra o qual se insurge o ego. Chama a atenção também para a existência de contra-cargas (29) que seriam mantidas pelo ego com o intuito de reforço à repressão. Estas contra-cargas seriam as próprias forma

ções de compromisso que teriam a função de impedir a volta das representações banidas da consciência. Desta forma explicita que o processo da repressão ocorreria em várias etapas e que ao estado de saúde aparente se seguiria uma segunda formação de compromisso, como veremos na seção 2.3. É também nestes artigos metapsicológicos que Freud volta a se preocupar com o destino das quantidades no processo da repressão.

Como veremos mais detalhadamente no capítulo 3 a angústia surge aqui como uma das vias de derivação da quantidade de excitação resultante da repressão.

Vamos encontrar também nas topografias de 1900 e 1915 referências à hipótese do enlace verbal. No artigo sobre a interpretação dos sonhos (15) Freud menciona esta proposição quando tenta esclarecer o processo do pensamento atendendo à relação possível entre percepção e consciência, mas vai retomá-la mais consistentemente em 1915 (29) nos seguintes termos: a diferença entre as representações INC e PREG pode ser caracterizada nos termos da presença ou não de uma carga de energia referida à palavra. Existiriam as representações de objeto por um lado, e as representações de palavra por outro. O corte na representação de palavra caracterizaria a repressão, ficando o engrana a nível inconsciente, apenas investido com a representação de objeto. Nossa atividade anímica, diz ele, se moveria em duas direções opostas: partindo dos instintos através do sistema INC até o pensamento consciente, ou por um estímulo externo através do sistema PREC até as cargas inconscientes do ego e dos objetos; este segundo

caminho precisa permanecer transitável e será a via de acesso do terapeuta para o levantamento do reprimido através do uso da linguagem.

Na terceira topografia Freud, como dissemos, vai manter as duas hipóteses explicativas a respeito do processo defensivo mas surge uma novidade: a ênfase que vai ser dada à relação entre a angústia e os mecanismos de defesa. Freud (36, 40) vai dizer que a angústia causa a repressão e que é visando proteger o aparelho psíquico de re-experimentar a angústia que o ego utiliza a repressão. Uma vez efetuada, ele se encarrega de mantê-la através de contra cargas, que clinicamente vão corresponder ao fenômeno da resistência ao levantamento do reprimido pelo processo terapêutico (53). Reafirma (40) a hipótese da retirada de catexes sustentando que o inconsciente pode mudar o seu estado para pré-consciente, e quando uma representação passa para o estado inconsciente isto se constitui num fator importante na causação das neuroses.

Quanto à hipótese sobre o enlace verbal vamos encontrar uma referência na afirmativa de que os processos do ego podem adquirir consciência a partir da linguagem; esta conectaria o material do ego com os restos mnêmicos de percepções visuais e particularmente acústicas (40). Freud, no entanto, refere que enlace verbal por si só não seria suficiente para que uma representação passasse ao estado PREC.

2.3 - A DEFESA NAS NEUROSES E NAS PSICOSES

Falamos a respeito de uma primeira formação de compromisso. Não dissemos no entanto que a consecução dela é u-

na etapa que se refere apenas à gênese dos estados neuróticos. A primeira etapa na constituição das chamadas psicoses vai dizer respeito a um recurso utilizado pelo ego ao qual daremos o nome de "recusa" (12, 45). O conflito é resolvido através do impedimento que o ego realiza de atender ambas as forças que o constituem, rejeitando tanto as estruturas mnêmicas, ideativa e emocional, quanto as suas respectivas quantidades de excitação. Ao invés da dissociação o ego efetua uma subtração perceptual no aparelho psíquico não sendo capaz de formar um compromisso de síntese entre "desejo" e "repulsa". À recusa da realidade conflitiva também se segue um estado de saúde aparente. A segunda etapa então da etiologia das formações psicopatológicas também guardará uma diferença: falaremos de retorno do reprimido e de retorno do recusado. O retorno do reprimido será a segunda formação de compromisso na constituição das neuroses, que caracterizará a formação de sistemas. Não é mais um compromisso entre duas forças, desejo e repulsa, mas um compromisso entre representações inconscientes e pré-conscientes. Assim, é com referência a esta etapa da instalação do quadro neurótico que poderemos falar de destinos das quantidades de excitação após a repressão. Da histeria de conversão diremos que foram convertidos; da neurose obsessiva, novamente enlaçados a outras representações, afetivas ou ideativas; da histeria ansiosa diremos que foram descarregados visceralmente através de um ataque de angústia.

A segunda etapa na formação das psicoses vai se caracterizar pelo retorno à consciência de ambas as forças cons

titutivas de conflito porém alternativamente, ora surgindo a realidade desejada, ora surgindo a realidade recusada. Em outras palavras, à ameaça de retorno do recusado à consciência, o ego opera uma cisão (39) no aparelho psíquico.

2.4 - DEFESA ADEQUADA E INADEQUADA

Devemos ter em mente, para falarmos do caráter adequado ou inadequado de uma defesa, que existem etapas evolutivas percorridas pelo aparelho psíquico em sua estruturação. A cada etapa corresponderá uma possibilidade defensiva que estará necessariamente referida ao estado de maturação do ego. Assim, vimos que em épocas muito precoces do desenvolvimento o mecanismo da "repulsa" surge como uma defesa adequada pois não há ainda uma estrutura egóica capaz de opor obstáculos ao fluxo livre de catexes e o aparelho psíquico precisa mesmo as sin de alguma proteção em relação à dor e ao desprazer.

Em outras palavras, quando falamos de adequação ou inadequação de determinado recurso utilizado pelo ego devemos ter em mente a idade evolutiva do indivíduo e a consequente possibilidade do ego de fazer frente ao meio. Na terapia analítica, por exemplo, a questão da defesa também deverá ter uma referência à etapa do processo que estamos nos referindo.

Esclarecido isto diremos que Freud indica que no homem plenamente desenvolvido o ego funciona dando livre acesso a todas as representações mnêmicas mesmo aquelas referidas ao objeto hostil pois conta com sua possibilidade de controlar o aumento de tensão que poderia advir não permitindo a ameaça do surgimento da angústia (3). Esta acessibilidade é desde lo-

go relativa, só se tornando realmente útil que haja o reconhecimento de representações reprinidas quando o seu impedimento implicar num prejuízo à adaptação. O trabalho analítico, como veremos no cap. V, seção 5.7, visa permitir ao ego a utilização de novos recursos defensivos mas isto só será possível quando a ameaça de inoperância no seu controle da angústia for minimizada.

3 - A ANGÚSTIA (*)

A preocupação com o fenômeno da angústia surge quase que continuamente no decorrer da obra de Freud. Alguns de seus trabalhos são exclusivamente dedicados ao tema (6, 8, 35, 42, 43, 46), outros abordam-no de forma secundária (5, 17, 32, 41). Durante toda a sua construção teórica Freud mostrou-se preocupado em explicar a angústia, atitude esta que advertia a extraordinária importância do conceito na etiopatogenia das afecções neuróticas.

Contudo, esta mesma preocupação em re-conceituar o fenômeno frente a cada nova concepção a respeito dos mecanismos psíquicos fez com que o tema surgisse pouco sistematizado dentro de sua obra, e com isso se prestasse a diferentes interpretações e alguns mal-entendidos.

Parece haver um certo consenso entre determinados autores (51, 52, 57, 58) a respeito da existência de duas ou três teorias sobre a angústia na obra freudiana, ponto de vista do qual discordaremos aqui com base em uma releitura dos textos, onde se encontra, a nosso ver, inequívocas referências a duas etapas de um mesmo processo, ou seja, a dois momentos constituintes de uma única formulação a respeito do fenômeno da angústia (56).

É nossa intenção tentar sistematizar esta formulação teórica, mas para isso vamos primeiro explicitar e compreender o que é tomado comumente como primeira e segunda teori-

(*) Utilizaremos o termo "angústia" e "ansiedade" indistintamente neste trabalho, ambos como tradução do original alemão "angst".

as a respeito da angústia.

3.1 - A "PRIMEIRA TEORIA DA ANGÚSTIA"

A primeira teoria é geralmente referida aos trabalhos que se estendem de 1895 a 1920, período em que Freud se mostra particularmente interessado na relação da angústia com a libido acumulada (6) ou reprimida (17, 32). Estudando a neurose de angústia verifica que esta decorre de um acúmulo de excitação (decorrente de práticas anti-concepcionais nocivas, etc.) de origem somática que não encontra derivação por meio do psiquismo sendo então descarregada visceralmente sob a forma de um ataque de angústia. Ao mesmo tempo, estudando o processo da repressão verifica os diferentes destinos que podem tomar aquelas quantidades de excitação que são primeiramente dissociadas de seus engramas, deslocadas para a conexão com novas representações para só então escolherem caminhos diferenciados que caracterizarão as diferentes formações psicopatológicas: a conversão na histeria de conversão, o deslocamento na neurose obsessiva e a transformação em angústia na histeria ansiosa.

Ora, essas formações psicopatológicas, como já vimos, são uma expressão de compromisso entre "desejo" e "defesa". Em atendimento ao princípio que rege toda a atividade psíquica, que é buscar o prazer e evitar o desprazer, essas formações deixam necessariamente uma determinada quota residual de angústia, fruto não somente do atendimento parcial ao desejo como também pelo fato da defesa ter sido incompleta. Não é no entanto em relação a essa soma de angústia, que pode

ter acesso à consciência, que Freud vai designar como "resultado da repressão". Esta soma de angústia residual, repeti - mos, pode ser a condição necessária às formações fóbicas da histeria de conversão e da neurose obsessiva. Entretanto, existe um determinado caminho da quantidade de afeto, tornada livre pelo processo repressivo que é a transformação em angústia, quando toda a energia dissociada se reúne numa descarga visceral configurando o chamado ataque de angústia. Esta solução será caracterizadora do quadro da histeria ansiosa que também se acompanha de formações fóbicas. A angústia surge neste quadro como uma das alternativas possíveis de encaninhamento do afeto após a repressão ao lado da conversão e do deslocamento. No quadro da neurose de angústia por sua vez, as formações fóbicas terão sua origem na percepção registrada em psi-pallium da ocorrência do ataque de angústia.

3.2 - A "SEGUNDA TEORIA DA ANGÚSTIA"

O modelo considerado como segunda teoria sobre a angústia é referido ao período de 1926 a 1932 (51, 56, 57, 58), tendo sua formulação mais abrangente no texto "Inibição, Sintoma e Angústia" (35), onde Freud vai afirmar que a angústia causa a repressão em vez de a angústia ser o resultado da repressão. O ego passa a ser a instância produtora do sinal de angústia, com a intenção precípua de evitar o desenvolvimento de uma angústia intolerável. Este sinal dado pelo ego reproduzindo mitigadamente uma angústia já experimentada pelo aparelho psíquico, serve como o desencadeador de processo defensivo, que se inicia para salvar o aparelho psíquico daque-

la situação reconhecida pelo ego como perigosa. Este perigo é justamente o pleno desenvolvimento da angústia, cuja ocorrência define uma situação como traumática. Em outras palavras, o ego em determinado momento declara que uma situação é perigosa quando infere que a situação traumática é iminente. A repressão é então acionada pelo sinal de angústia no sentido de evitar que o aparelho psíquico re-experimente angústia intolerável.

Esta formulação a nosso ver, faz menção à primeira etapa da formação das neuroses, a etapa defensiva (que é a mesma para todas as formações psicopatológicas), isto é, ao momento da dissociação entre as memórias e as quantidades de catexes. Ela em nada se opõe à chamada "primeira teoria" pois esta corresponde simplesmente a um dos caminhos possíveis que ocorre na segunda etapa da formação das neuroses, isto é, o momento da escolha dos destinos das quantidades de catexes dissociadas.

3.3 - AS NEUROSES ATUAIS E AS PSICO-NEUROSES

No período de 1890 a 1907 Freud dispõe de dois grupos das chamadas afecções neuróticas, os quais denomina de neuroses atuais, compreendendo a neurastenia, a neurose de angústia e a hipocondria, e de psico-neuroses, compreendendo a histeria de conversão, a neurose obsessiva, a histeria ansiosa e certas psicoses (5, 12, 17, 32, 52). A oposição entre estes dois grupos dizia respeito essencialmente à etiopatogenia das neuroses que designavam. Em todas elas a causa era de cunho sexual nas diferiam quanto à origem do distúrbio, que

poderia ser encontrado em desordens da vida sexual atual, ou em distúrbios ocorridos a partir de eventos sexuais importantes da história passada do indivíduo. O primeiro caso apontaria para uma etiologia somática, o segundo para uma etiologia psíquica.

Vamos encontrar em relação às neuroses atuais uma formulação a respeito da angústia que tem lugar à parte em relação às duas hipóteses que já examinamos: trata-se da "angústia econômica", e diz respeito, como veremos mais detalhadamente na seção 3.5, à ocorrência da angústia a partir de um súbito e acentuado acréscimo de excitação o qual o ego não é capaz de dominar. Quando o sistema nervoso num determinado momento, é submetido a um intenso afluxo de energia que se descarrega sob a forma de uma descarga de angústia, isto caracteriza a "angústia econômica" e este momento é o que designamos como traumático. Na neurose de angústia veremos que a origem de tal acréscimo é devida a descarga sub-cortical da energia libidinal não elaborada adequadamente (em consequência de práticas anti-concepcionais, etc.), ou seja, tem lugar no soma. Entretanto, a "angústia econômica" pode ocorrer também frente a um estímulo externo, o que vai caracterizar a neurose traumática (35).

Em síntese, tanto as perturbações endógenas (neurose de angústia) como as exógenas (neurose traumática) caracterizam o que Freud chamou de "situação traumática", instintiva e real respectivamente.

3.4 - A ANGÚSTIA COMO CAUSA DA REPRESSÃO

Vamos esclarecer nesta seção de que forma a angústia pode ser um elemento a partir do qual se origina a repressão. Iniciaremos por definir alguns conceitos metapsicologicamente, conceitos aos quais já nos referimos de forma superficial. Nossa concepção-chave será a de "situação traumática". Nosso raciocínio deverá desenvolver-se a partir dela para o que Freud designou como "sinal de angústia" (35) até a colocação de que o processo de repressão ou outro processo defensivo pode ser o recurso utilizado pelo ego para livrar o aparelho psíquico de re-experenciar a angústia. Esta formulação está referida tanto às afecções psico-neuróticas quanto às manifestações psíquicas das chamadas neuroses atuais, como veremos.

Vimos que no "Projeto" (50) Freud propõe uma montagem do aparelho psíquico que segue a direção da adaptação, da sobrevivência e da reprodução do organismo em relação ao mundo exterior. Vamos encontrar nesta primeira formulação topográfica uma menção a determinada aquisição biológica do aparelho psíquico que Freud denominou "ego". Este "ego" tem uma função precípua: a de garantir a eficácia das funções biológicas do aparelho psíquico. Freud define como uma estrutura de neurônios fortemente associados entre si que, por aprendizagem, incorporariam uma importante norma ou lei, a de que não deveriam catetizar imagens motoras antes que se tivesse cumprido determinadas condições a partir da percepção (50). Pois bem, vamos compreender agora o que vem a ser isto. Começamos

por subdividir o processo da percepção em dois tempos distintos, efetuados por diferentes dispositivos: podemos dizer que existe uma estrutura (Phi), que tem por função selecionar e filtrar quantitativamente os estímulos do meio; esta seria uma primeira medida protetora que consistiria em não permitir que no aparelho psíquico entrassem grandes quantidades que poderiam causar "dor". Além disso, existe o sistema neurônico "w" (ômega), que seleciona qualidades. Pois bem, fazendo agora uma referência à segunda topografia do aparelho psíquico identificaremos os dois sistemas (phi e ômega) como partes de uma estrutura a qual Freud denominou "Perceptual-Consciente". Esta estrutura, por sua vez, integra a constituição do que Freud estava propondo na época ser o Ego (33), e que a partir de agora terá a sua parte seletora designada por nós de "Ego-seletor" (phi), e a sua parte avaliadora, juntamente com a estrutura Psi-pallium, denominada de "Ego-avaliador" (ômega e Psi). O mecanismo da Percepção dependerá, nestes termos, do desempenho conjunto da parte avaliadora do Pept-Cc e mais Psi-pallium, e da parte seletora de Pept-Cc.

Agora vamos definir duas situações possíveis frente às quais pode se deparar o aparelho psíquico no curso de seu desenvolvimento. A primeira situação chamaremos de "situação traumática real", a segunda de "situação traumática instintiva". O termo "traumática" se refere a um tipo de acontecimento bem específico, ou seja, a uma configuração econômica desfavorável, como já vimos, que faz com que o aparelho psíquico experimente angústia. Esta situação é a de grande en-

trada de energia no sistema nervoso que eleva o nível de catexes acima da constância e acima de um certo limiar, de forma a ultrapassar o limiar de desprazer ou de dor causando angústia. Freud chamou de situação de "desamparo" àquela situação na qual o ego não tem controle sobre este aumento de tensão, o que faz com que o nível de catexes atinja o limiar a partir do qual o aparelho psíquico experimenta angústia. A "situação traumática" é portanto a situação em que o aparelho psíquico experimenta a angústia. Aqui é necessário distinguir nos duas maneiras diferentes pelas quais a energia Psi-nuclear pode ultrapassar o limiar: por um acréscimo (brusco e repentino) do nível de catexes de origem exógena, ou por um aumento (gradativo que se soma progressivamente até atingir o nível liminar) de origem endógena.

A diferença que justifica as designações de "real" e "instintiva" estará referida à origem do estímulo que causou a experiência angustiosa: 1) fonte exógena (objeto hostil); 2) fonte endógena (tensão de necessidade).

Vamos agora, de posse de tais esclarecimentos, configurar três arranjos possíveis de funcionamento do aparelho psíquico, ou seja, três modos de comportamento das estruturas ego-seletora e ego-avaliadora. Estas configurações vão definir um funcionamento normal ou patológico do aparelho psíquico, como veremos.

O primeiro modo é composto a partir do funcionamento adequado do dispositivo ego-seletor e do funcionamento também adequado do dispositivo ego-avaliador. O segundo ocorre-

rá quando houver um funcionamento adequado da estrutura ego - seletora mas existirem falhas e erros no funcionamento do dispositivo ego-avaliador, (ou correspondente à estrutura Pcpt-Cc ou correspondente à estrutura Psi-pallium), o terceiro, por fim, indicará um funcionamento inadequado no dispositivo ego-seletor, situação esta a partir da qual todos os mecanismos subsequentes estarão necessariamente comprometidos.

O primeiro modo de funcionamento caracterizará o comportamento normal do aparelho psíquico frente ao meio. O segundo caracterizará as desordens funcionais típicas das formações neuróticas e das formações psicóticas delirantes. A - aquelas como decorrência de uma disfunção a nível da estrutura Psi-pallium, enquanto estas deverão sua origem ao mal funcionamento da parte avaliadora do dispositivo Pcpt-Cc. O terceiro será o modo de funcionamento típico dos mecanismos psicóticos alucinatórios.

Começemos agora por tentar a descrição de ocorrências traumáticas "reais e instintivas" e verificar de que maneira isto ocorre dentro de um desenvolvimento normal.

A experiência prototípica da situação traumática real vai ser aquela primeira angústia experimentada pelo indivíduo em fases precoces de seu desenvolvimento. Esta situação tem seu início com o aparelho psíquico frente a um objeto externo hostil, capaz de infligir dor. Dor nós já sabemos que corresponde a um aumento no nível de catexes em psi-nuclear que, se não for corrigido, pode atingir o nível a partir do qual começa a surgir a angústia, momento este que caracteri-

za a situação como traumática. Pois bem, a correção dos a -
créscimos em psi-nuclear e, como sabemos, tarefa do ego. En-
tretanto vamos caracterizar agora uma situação na qual o ego
não é capaz de solucionar o problema diante do qual se defron-
ta (solução que levaria ao retorno do nível de catexes em psi-
-nuclear ao nível de constância). Diremos que esta situação
de incapacidade do ego de conter o aumento de tensão num de -
terminado momento caracteriza o que Freud denominou de "situa-
ção de desamparo" do ego (35, 50), que é sempre definida pela
comparação entre o estímulo e a capacidade do ego de controlá-
-lo.

Como podemos concluir, o estado eventual de "desam-
paro" do ego é extraordinariamente perigoso pois conduz o apa-
relho psíquico à "situação traumática" (o nível de catexes
continua a aumentar atingindo o limiar de angústia). Diremos
então a partir de agora que toda vez que o ego estiver em "de-
sampo" está definida a "situação perigosa", o que significa
que é iminente a "situação traumática".

Na primeira situação traumática real que estamos des-
crevendo, o aparelho psíquico experimentou então a angústia
que foi suscitada pela presença hostil de um objeto do mun -
do exterior. Coube ao dispositivo "ego-seletor" registrar a
presença deste objeto hostil, e ao dispositivo "ego-avaliador"
avaliar a impossibilidade do ego de controlar o aumento de ten-
são, consequência da percepção do objeto hostil. Mas disse -
mos que esta experiência prototípica é a primeira angústia ex-
perimentada pelo indivíduo em fases muito primárias de seu de

envolvimento, onde pode-se supor a existência de um ego imaturo ainda para solucionar os aumentos de tensão fazendo conduta adequada. Podemos afirmar, em suma, que toda esta sequência expressa que naquele determinado momento o ego não era ainda suficientemente maduro para solucionar o problema, e que o "desamparo" frente ao estímulo seria devido ao fato de, como já dissemos, este evento estar situado em uma fase primitiva do desenvolvimento, quando o ego ainda não se constituiu plenamente.

Pois bem, esta experiência é, como já sabemos, necessariamente registrada em Psi-pallium. Acrescentaremos agora que é registrado não somente o objeto causador da angústia associado à estrutura afetiva angustiosa mas também toda uma constelação de percepções presentes no momento do trauma que vão constituir um verdadeiro núcleo - o núcleo de engramas as sociais à situação traumática. Esta constelação será mais abrangente quanto mais intensa tiver sido a vivência de angústia, desprezando-se outros fatores. Assim, inscreve-se em Psi-pallium ao mesmo tempo que uma qualidade de experiência na determinada intensidade experimentada.

Neste ponto é necessário introduzirmos quais são os tipos de inferência que a estrutura ego-avaliadora pode efetuar em relação a determinado objeto. Vamos examinar duas delas: a primeira chamaremos de inferência aleatória, característica da fobia contingente (9), que será aquela que o ego fará sempre que levar em conta apenas o caráter aleatório da associação entre dois objetos. No caso da situação traumáti-

ca por exemplo vimos que ao objeto causador da angústia ficam associados outros tantos engramas presentes no momento do trauma. Assim, toda vez que frente a um objeto-associado o ego inferir a presença do objeto nocivo, isto significará que esta inferência é uma inferência aleatória. Tal tipo de julgamento, no entanto, não é suficiente por si só para que alguma conclusão possa ser considerada efetiva dado o caráter de simples contingência da associação estabelecida, mas veremos como, em situações precárias de funcionamento, o ego pode começar a se pautar apenas por inferências aleatórias, o que vai custar ao aparelho psíquico um grande prejuízo frente à realidade. O segundo tipo de inferência será o que chamaremos de inferência estrutural, característico das fobias comuns (9). É aquela que é feita em função de características que definem o objeto, ou seja, de características ou qualidades que estejam associadas estruturalmente em relação ao objeto.

Desta forma, no curso do desenvolvimento, o ego-avaliador opera constantemente fazendo inferências aleatórias e estruturais sempre no sentido de evitar o aparecimento do objeto causador da situação traumática. Em um determinado momento vimos que esta avaliação pode definir uma situação como "perigosa" e neste instante o ego trata de alertar o aparelho psíquico efetuando um sinal de alarme para por em funcionamento medidas que impeçam o surgimento da situação traumática. Diremos então que a situação perigosa é aquela que antecipa a situação traumática, ou seja, é aquela que oferece indícios de que o aparecimento da angústia é iminente.

Ao ego-avaliador cabe assim interpretar toda e qual quer configuração presente no aparelho psíquico no sentido de determinar quando é que determinada situação é perigosa. Mas de que forma isto ocorre? De que maneira pode o ego se utilizar de associações aleatórias para prever a situação traumática? E de que forma é dado o sinal de alarme que coloca a defesa em funcionamento para evitar a angústia?

É em relação ao conceito de "núcleo de engramas associados à situação traumática" que obteremos tais respostas. Diremos que quando em determinado momento do curso associativo forem catetizadas algumas daquelas imagens que se encontram associadas com a situação traumática, o ego-avaliador deve ser capaz de re-interpretar a associação sugerida, seja para reconhecer que a conexão é válida e aponta de fato para o objeto nocivo, seja para corrigir aquela facilitação que foi estabelecido porque não é mais indicadora da presença do objeto de angústia, ou seja para reconhecer a associação como pertinente nas o objeto não mais causador de angústia.

No primeiro caso declara a "situação perigosa", no segundo e no terceiro corrige uma associação no aparelho psíquico. Este mecanismo de correção caracteriza o desenvolvimento normal pois à medida em que o aparelho psíquico se organiza mais e mais certos estímulos vão perdendo a conotação de "nocivos" pois existe mais e mais um ego capaz de controlá-los.

O sinal de perigo, que Freud chamou de "sinal de angústia" e que será acionado diante da "situação perigosa", é

dado pelo "ego-avaliador" da seguinte forma: ele é capaz de controlar o processo de catetização, como já dissemos anteriormente, e por isso vai permitir que determinadas imagens mnêmicas, que progressivamente se acercam da imagem do objeto angustiante, sejam catetizadas e como tal denunciem com o aumento progressivo do desprazer a proximidade da deflagração da angústia, quando fluxo de catexes energizar a imagem do objeto angustiante. Isto, que poderíamos chamar de "produção atenuada da angústia" serve então como indicação para que entrem em atividade mecanismos defensivos necessários à evitação da ocorrência da angústia.

É importante termos em mente que a primeira experiência de angústia registrada no aparelho psíquico fica então servindo de diretriz para experiências posteriores, e assim ocorre sucessivamente em um desenvolvimento normal onde cada situação pode ser vista como nova e ao mesmo tempo contar com um acervo adquirido presente na organização e no funcionamento do aparelho psíquico.

O que descrevemos até agora foi então a situação traumática real, que qualifica a experiência de angústia como sendo uma angústia real, causada por um estímulo que tem sua origem no mundo exterior. Vamos examinar agora o que chamamos de "situação traumática instintiva", cujo estímulo é de origem somática, e verificar de que forma ela também pode ser organizada dentro de um desenvolvimento normal.

Aqui é necessária uma importante colocação: Freud (35) afirma que a primeira experiência de angústia, ou seja ,

a experiência prototípica cuja estrutura afetiva ficara registrada no aparelho psíquico deve ser reconhecida como de origem filogenética, através do que chamou de "engrama filogenético da castração". Durante muito tempo, Freud procurou uma explicação possível para a especificidade do sentimento da angústia, ou seja, sempre se perguntando "por quê angústia" e não outro estado afetivo qualquer. Uma das hipóteses que vemos quando falamos da neurose de angústia era a de que tal constelação afetiva, a que se dava o nome de angústia, correspondia à reprodução das sensações e ocorrências somáticas concomitantes ao coito (6, 16, 42). Pois bem, sua última formulação a este respeito, feita em 1926 no trabalho intitulado "Inibição, Sintoma e Angústia" (35), estabelece que existe primariamente no aparelho psíquico um engrama, adquirido filogeneticamente, ao qual denomina "memória filogenética da castração". Este registro indicaria uma angústia econômica real, experimentada por um ancestral, na horda primitiva, diante da ameaça de castração. Assim, todo e qualquer indivíduo traz originariamente consigo esta primeira angústia ocorrida, e é em função de tal registro que vamos agora compreender a situação traumática instintiva.

Dissemos anteriormente que o aumento de catexes em Psi-nuclear que atinge o limiar de angústia pode ser devido a dois tipos de processo: um acréscimo de origem endógena (gradativo) ou um acréscimo de origem exógena (brusco e repentino). Vamos agora definir dois tipos de ocorrência traumática instintiva (24, 26). Diremos, antes de mais nada que por

estar referida a um estímulo de origem interna, somática, ela tem início no que denominamos de "tensão de necessidade" que exige uma "ação específica" para satisfazê-la. O primeiro tipo de situação traumática endógena será aquela na qual o aparelho psíquico se apresenta em estado de tensão e o objeto de satisfação não está presente (frustração). É importante lembramos que esta descrição de uma primeira angústia experimentada pelo indivíduo é referida (da mesma forma que a situação traumática real) ao início de seu desenvolvimento, quando a tensão de necessidade exige a ajuda de um objeto externo para satisfazê-la. Assim, o prolongamento da ausência de um objeto capaz de reduzir a tensão faz com que a fonte endógena continue a elevar o nível de catexes em Psi-nuclear progressivamente até que o limiar de angústia seja alcançado. O segundo tipo de situação traumática endógena será aquela na qual o aparelho psíquico se apresenta em estado de tensão de necessidade, o objeto de satisfação está presente, porém é também hostil (conflito). Assim, a impossibilidade de o objeto desejado ser utilizado na satisfação da necessidade (por ser também "hostil") faz com que a tensão se mantenha e que o ego mobilize então suas defesas.

Pois bem, da mesma forma que ao examinarmos a "situação traumática real" vimos que a experiência prototípica deixa um registro indicativo de qualidade e de intensidade a partir do qual começará uma série de correções possíveis, também na "situação traumática instintiva" podemos referir um registro de qualidade, filogenético, e um registro indicativo de

intensidade que será dado, este sim, a partir da primeira experiência ontogenética angustiosa de origem instintiva. A partir dela também vai se construir um núcleo de engramas associados aleatoriamente com referência àquela demanda instintiva que fez surgir a situação traumática. A situação perigosa neste caso será aquela que se estabelecerá quando algum dos elementos pertencentes ao núcleo associado à situação conflitiva traumática for energizado. Neste momento o ego avaliador deve ser capaz da mesma maneira de re-avaliar tal conexão e inferir se ela é pertinente e aponta para uma situação traumática prevista, se ela não é mais pertinente pois sua validade era estritamente referida a uma concomitância temporal e esta não deve mais ser levada em conta, ou ainda se ela é pertinente na situação conflitiva não será mais causadora de ansiedade pois já existe um ego que pode suportá-la. Somente no primeiro caso o ego deverá dar o "sinal de angústia".

Esta possibilidade de correção através de nova avaliação pelo ego ou de prevenção através do "sinal de angústia" caracteriza, como já dissemos, o desenvolvimento normal do aparelho psíquico.

Devemos talvez abrir um parêntese aqui para explicar que toda vez que o ego-avaliador efetuar uma inferência estrutural então a validade de tal associação deixa de ser objeto de questionamento mas ele deve ser capaz de questionar, isto sim, a sua nova posição frente ao estímulo.

Até aqui vimos então a ocorrência de situações traumáticas reais e instintivas num contexto normal de desenvolvi

mento. Vamos agora fazer uso destes conhecimentos para compreendermos de que forma o aparelho psíquico pode estar sempre se defendendo de um perigo ou de uma situação traumática aparentes porque não foi capaz de efetuar correções. Esta defesa implica em estar constantemente recorrendo à sinalização de angústia para dar início à defesa.

Esta situação ocorre, como já dissemos, quando o dispositivo ego-seletor mantém-se operando adequadamente porém começa a haver falhas em relação à estrutura ego-avaliadora. Este modo de funcionamento será o característico das afecções neuróticas e das psicoses delirantes, dependendo de que estrutura (Pcpt-Cc ou Psi-pallium) terá ocorrido o erro, como já dissemos, onde as falhas cometidas são em referência à avaliação das situações percebidas. Assim, no decorrer do desenvolvimento, a partir da conjugação de diversos fatores que examinaremos no capítulo 4, o ego-avaliador deixa de ser capaz de reconhecer como novas as muitas situações com as quais se defronta e passa a reagir a elas em função das conexões estabelecidas por ocasião da situação traumática. Isto o leva a se utilizar recorrentemente do "sinal de angústia" forçando o aparelho psíquico a efetuar sucessivas defesas.

Esta deficiência, no entretanto, pode não ser devida exclusivamente a fatores dinâmicos (conflito/frustração). Devemos admitir que a impossibilidade do dispositivo ego-avaliador de inferir ou interpretar corretamente pode estar referida a uma deficiência de ordem não-dinâmica (congénita ou adquirida). Feita esta ressalva, diremos agora que toda vez que

o ego-avaliador, por condições específicas de seu desenvolvimento efetuar interpretações e inferências sem ser capaz de re-avaliar a situação emergente, ou ainda, não puder mais evitar novas situações traumáticas usando o recurso da sinalização de angústia, então a sensação angustiosa experimentada pelo aparelho psíquico nestas condições será a que denominaremos de "angústia neurótica" em oposição a "angústia adequada".

Não nos é difícil inclusive compreender de que maneira um ego que é incapaz de qualificar uma situação como nova e não perigosa pode se tornar uma estrutura quase inoperante em termos de sinalização pois a cada repressão efetuada corresponde um enfraquecimento do ego (deficiência dinâmica). Forma-se assim um movimento que compromete quase que integralmente o aparelho psíquico. Se muitas situações são perigosas, mais repressões são efetuadas e com isso muitos engranas são subtraídos do comércio associativo consciente. O ego precisa então manter com um gasto muito maior de energia (as contra-catexes) essa dinâmica em falência empobrecendo-se e sendo progressivamente tanto menos capaz de avaliar quanto menos efetivo em sinalizar para dar início a novas repressões.

Esta é a explicação que Freud nos oferece em relação à afirmativa de que na etiologia das afecções psicopatológicas o papel da angústia é de importância crucial. O indivíduo adoece para evitar a angústia e, como tentaremos mostrar no capítulo 5, é em torno desta ameaça permanente de ressurgimento da angústia que se constituirá o processo terapêutico.

Finalmente o terceiro modo de funcionamento a que

fizemos referência, vai indicar uma situação em que o aparelho psíquico opera falhando na etapa inicial de seleção dos estímulos perceptivos, ou seja, apresentando erros de percepção porque o dispositivo ego-seletor está inoperante. Isto caracteriza o funcionamento típico dos estados psicóticos alucinatórios, cujo distúrbio ocorre no âmbito da seleção perceptual. Como vimos no segundo capítulo a defesa inicial da psicose é a "recusa perceptiva" frente a uma realidade insatisfatória.

3.5 - A NEUROSE DE ANGÚSTIA

Dissemos na seção 3.3 que a afecção a qual Freud deu o nome de "neurose de angústia" faz parte do grupo das neuroses chamadas "neuroses atuais". Dissemos também que a designação "atual" faz menção ao fato da etiologia desta neurose poder ser referida a ocorrências contemporâneas da vida sexual do indivíduo, por exemplo o uso de práticas anti-concepcionais.

Freud pôde separar a "neurose de angústia" da "neurastenia" pelo fato de que, investigando-a mais detalhadamente, verificou que os dois quadros apresentavam sintomatologias específicas e etiopatogenias distintas (6, 7, 9, 41, 52).

Vamos agora tentar descrever de que maneira a partir de distúrbios da vida sexual contemporânea pode um indivíduo contrair uma neurose de angústia. Esta descrição será importante por duas razões: veremos como a afirmativa de Freud de que a etiologia desta neurose reside na esfera somática pode ser reavaliada, e logo em seguida poderemos compreender de

que forma a neurose de angústia pode ser a precursora de uma psico-neurose tendo em vista o que discutimos na seção anterior a respeito de "situação traumática" e seu registro no psiquismo.

A partir de uma tensão física, sexual, que pelo uso de práticas anti-concepcionais, vê impedida sua conexão com a esfera psíquica, ocorre uma descarga sub-cortical que reúne as características de um ataque de angústia. O modelo desta ação Freud (42) vai explicitar no "Manuscrito E", no "Projeto" (50), e posteriormente quando tenta explicar a "neurose de angústia" (6), quando conceitua o que seria o funcionamento normal do aparelho psíquico, ou seja, que toda excitação acumulada, vinda de fontes endógenas, que atinge determinado valor definido como liníar, chega a Psi-pallium onde deverá ser resolvida por uma ação que impeça a continuação da produção de tensão pelos órgãos respectivos, processo este que qualificou de "ação específica". O funcionamento do aparelho psíquico na etiologia da neurose de angústia atesta um desarranjo nesta montagem pois uma tensão endógena, sexual, se transforma em angústia por ver impedida a sua aspiração a enlaçar-se a idéias psíquicas, o que a faz derivar-se utilizando o sistema nervoso vegetativo como via principal em substituição ao que seria a "ação específica", no caso, o coito. Freud chega a considerar que o ataque de angústia reproduz as emoções concomitantes ao ato sexual, como alterações no ritmo cardíaco, respiratório, etc., o que viria a dar conta de se considerar que aquilo que seria uma via subsidiária à resolução da tensão a-

cumulada, estaria sendo percorrida como via principal substituindo a ação impedida. A partir disso propõe então que na neurose de angústia a fonte de angústia não poderia ser buscada no âmbito do psiquismo mas residiria inequivocamente na área somática, e teria sua origem em problemas atuais relativos à vida sexual do indivíduo.

Pois bem, ocorre no entanto, que ao fazer uma descrição detalhada desta afecção, Freud (6) vai destacar como "sintoma cardeal da neurose de angústia" o que denomina de "espera angustiosa", e vai descrever este sintoma como uma determinada quantidade de catexes associada a uma estrutura afetiva ansiosa que Freud designa de "quantidade de ansiedade flutuante" (6), que durante um certo período de tempo domina a eleição das representações e se acha prestes a enlaçar-se a qualquer idéia apropriada.

Ora, tal descrição parece precisamente sugerir a participação psíquica na constituição desta neurose, participação que a nosso ver deve necessariamente ser hipotetizada nos termos de vir a dar conta inclusive da formação de fobias no quadro da neurose de angústia. Como explicar a ocorrência de fobias se excluirmos a participação psíquica nesta neurose? Mas voltando nossos olhos para a montagem que Freud propõe em 1895 (50) do aparelho psíquico é que vamos encontrar uma resposta possível. Existe no aparelho psíquico um sistema de percepção "w" que é capaz de fazer também endopercepção (percepção de ocorrências somáticas) cujos resíduos são registrados em Psi-pallium, como vimos na seção anterior. Assim, quan

do o indivíduo tem sua vida sexual caracterizada por práticas anti-concepcionais, etc. a tensão sexual acumulada é descarregada subcorticalmente na forma de um ataque de angústia. Este evento percebido por "w" é registrado em Psi-pallium como uma associação entre uma estrutura afetiva ansiosa e o engrama da percepção da situação traumática. O aparelho psíquico passa então a operar com o registro mnêmico da angústia no sentido de enlaçá-lo a outro engrama ideativo. Ora, quando esta associação ocorrer em relação a algum objeto ou idéia presente no momento da "situação traumática" então teremos o que Freud denominou de uma fobia contingente, ou quando a ele for associada alguma daquelas idéias que trazem consigo uma repugnância instintiva, comum a todos os homens, teremos o que denominou de fobia típica. Uma terceira possibilidade surge aqui para compreendermos a expressão metapsicológica daquilo que Freud afirmou a respeito de uma neurose de angústia poder ser a base para o desenvolvimento de uma psico-neurose, ou de que o sintoma de uma neurose atual pode, frequentemente, constituir o núcleo precursor do sintoma psiconeurótico (6, 52) : quando ao registro da experiência de angústia se associar uma representação e uma quantidade de catexe referida a uma experiência de satisfação, então teremos a configuração do que vimos no capítulo 2 ser o conflito. Estes dois engranas, com suas respectivas quantidades de afeto, constituem o "conflito psíquico" e é a partir dele que o ego vai mobilizar as defesas necessárias para livrar o aparelho psíquico de re-experimentar uma situação traumática, como vimos na seção anterior.

Voltando nossos olhos para a seção 3.4 podemos com-

preenler agora que a angústia que ocorre na neurose de angústia é a consequência de experiência traumática que é percebida por "w" e deixa o seu registro em Psi-pallium associado a uma estrutura afetiva.

3.6 - A REPRESSÃO COMO CAUSA DA ANGÚSTIA

Examinaremos agora o que ocorre a partir do processo de repressão para compreendermos de que forma pode a angústia ser um de seus resultados.

Já sabemos que o "ego-avaliador" pode declarar perigosa uma determinada situação, após o que produz uma descarga de emergência que é o "sinal de angústia", e põe assim em funcionamento o mecanismo repressivo. Sabemos também que a situação de "conflito psíquico" é aquela situação que trás a ameaça de um perigo externo, internalizado através da filogênese, a angústia da castração caso seja satisfeita a exigência instintiva que o constitui. Então não podendo o aparelho psíquico atender ao "desejo", pois isto conjuraria angústia, nem a "defesa", pois isto implicaria em "frustração", aciona a repressão como medida necessária para resolver o "conflito". Num primeiro momento retira as quantidades de afeto das duas representações, deslocando-os para novas associações. Das idéias diremos que ficaram reprimidas, dos afetos deslocados. Num segundo momento voltam à consciência as representações reprimidas sob determinadas condições. As quantidades de afeto que sofreram o deslocamento inicial têm neste segundo momento então destinos diversos.

Vamos acompanhar três possibilidades e localizar na

"transformação em angústia" o destino específico que caracteriza o quadro da histeria ansiosa. A primeira possibilidade diz respeito ao fato de que a quantidade de catexes após o deslocamento para memória quinesésica pode se transformar em movimento, através de uma descarga motora. Esta descarga se faz por intermédio da musculatura esquelética do corpo, e caracteriza o quadro da "histeria de conversão". A segunda possibilidade vai se referir ao deslocamento para uma estrutura afetiva ansiosa e transformação desta quantidade em afeto, ou seja, em uma descarga visceral que se faz por intermédio da musculatura lisa e que eventualmente pode configurar o afeto de angústia, caracterizando o quadro da "histeria ansiosa" (Queremos chamar a atenção para esta sistematização (*) na medida em que ela possibilita a compreensão de uma etiologia psicossomática de determinadas enfermidades em termos metapsicológicos. Da mesma forma ela evidencia de uma maneira inequívoca a independência relativa do mecanismo de formação da histeria ansiosa em relação ao mecanismo de formação de fobias, e esta distinção é de máxima importância). A terceira possibilidade, finalmente, vai dizer respeito ao simples deslocamento que vai sofrer a quantidade de afeto se ligando a outras representações, e caracterizando a "neurose obsessiva".

Podemos perceber agora como algumas interpretações feitas a partir dos textos freudianos podem se revelar inconsistentes. As supostas "duas teorias sobre a angústia" não são mais do que dois momentos necessários e subsequentes na e

(*) Barros, C.P. - comunicação pessoal

tiologia de uma neurose: a "histeria ansiosa". Quanto às outras formações psicopatológicas, estas se constituem como soluções articuladas pelo aparelho psíquico frente ao "conflito", com recurso da repressão, sempre com o objetivo precípua de evitar a repetição de uma angústia já experimentada.

4 - A PATOGENIA DOS QUADROS PSICOPATOLÓGICOS

Nossa intenção neste capítulo é repassar de forma sucinta os conceitos mais importantes examinados até aqui a fim de termos uma perspectiva geral a respeito de como se inter-relacionam até chegarem a configurar os quadros psicopatológicos. Vamos rever as concepções de "conflito", "frustração", "angústia", "regressão", vamos reconhecer brevemente o que dissemos sobre o "fator quantitativo" na etiologia psíquica, e finalmente introduzir a noção de "fator qualitativo" no processo de escolha da neurose.

4.1 CONFLITO E FRUSTRAÇÃO

A questão relativa a porquê contrai o Homem um determinada neurose preocupou Freud ao longo de toda a sua obra. No início de seus trabalhos investiga cuidadosamente o fenômeno da "frustração". Em muitos momentos (18, 24, 26, 32) declara que a enfermidade surge quando o Homem se vê privado pela realidade. A ausência do objeto de satisfação provocaria uma situação econômica desfavorável ao aparelho psíquico que o faria abandonar então a realidade insatisfatória em busca de objetos e formas de satisfação anteriores através de um movimento regressivo (40).

Com o decorrer do tempo, no entanto, Freud vai percebendo a íntima associação entre a situação de "frustração" e a de "conflito", o que o faz passar a designar ambos os fenômenos como situações iniciais de desarranjo no aparelho psíquico.

No capítulo 2 definimos a situação de "conflito" co

mo aquela que se estabelece quando o "desejo" está associado a uma outra força, a "repulsa". Podemos agora sintetizar tudo o que já sabemos a este respeito dizendo que a situação de "frustração" vai apontar para um contexto de ausência do objeto desejoso, ao passo que a situação de "conflito" vai dizer respeito ao fato de o objeto ser ao mesmo tempo desejo - so e desprazeroso.

Existe, entretanto, uma outra consideração a respeito destas duas situações que enfrenta o aparelho psíquico no curso de seu desenvolvimento. Ela nos remete a um conceito que introduziremos agora: o de "pontos de fixação" no processo evolutivo. Freud (32) propõe que na etiologia das neuroses existe um fator que pode ser colocado juntamente com o conceito de "frustração" dentro de uma "serie complementar" e que aponta para o extremo oposto: o de "fixação da libido". Assim, da mesma maneira que podemos referir a "frustração" como um fator acidental, externo, que designa uma ausência de objeto, podemos também referir a "fixação da libido" a uma determinada situação interna, situação esta que pode ser considerada como um fator predisponente na constituição da neurose.

Para entendê-la é necessário termos em mente que neste momento da construção teórica de Freud, ou seja, na década de 1910 a 1920, a dicotomia básica do aparelho psíquico está entre o que ele chamou de "instintos do ego" e "instintos sexuais". Ao desenvolvimento dos instintos sexuais Freud (32) se refere muitas vezes sob a designação de "desenvolvimento da libido", que neste sentido, repetimos, designa algo diferente

em relação ao desenvolvimento do ego.

Freud propõe que ambos os desenvolvimentos corram paralelos e que em caso de perturbação desta concórdia surja patologia. Vai referir a situação de conflito como um desacordo entre "ego" e "libido" e ainda, e isto é o que particularmente nos interessa agora, vai apontar para determinados perigos que poderiam surgir no curso do desenvolvimento libidinal, um deles o da fixação. A hipótese é a de que durante o desenvolvimento, em decorrência de situações de "frustração" ou "conflito", pode haver o estancamento da energia libidinal em uma determinada fase ou organização libidinal. Posteriormente, quando o aparelho psíquico se encontrar frente a novas situações desfavoráveis vai operar uma regressão que terá seu sentido indicado pelos pontos de fixação estabelecidos previamente.

Freud (23) considera que existem dois fatores que determinariam o retorno a determinados pontos de fixação em detrimento de outros. Um deles se refere às vicissitudes no curso do desenvolvimento, fator este que vínhamos apontando até agora, ou seja, às experiências traumáticas infantis, e o outro que se refere a uma determinação de ordem filogenética. Da conjugação de ambos dependeria que o retrocesso de catexes incidisse neste ou naquele ponto de fixação específico.

4.2 - A ANGÚSTIA

Vimos no capítulo 3 como podemos caracterizar o "sinal de angústia" como sendo um alerta dado pelo ego ao aparelho psíquico frente a uma situação avaliada como perigosa; a

de re-experimentar a angústia vivida na situação traumática (36, 40). Vimos também que a situação traumática corresponde a um desequilíbrio econômico que se instala no aparelho psíquico quando o nível de catexes em Psi-nuclear sofre um acréscimo até atingir um determinado limiar a partir do qual surge a angústia. Este evento fica registrado no aparelho psíquico. É pois diante da possibilidade de re-experimentar esta angústia que o ego mobilizará todos os recursos defensivos no sentido de evitá-la. Isto significa que mobilizará todos os esforços para que o engrama registrado em Psi-pallium desta estrutura afetiva angustiosa não seja re-catetizado.

Vimos como que ao lado deste registro de qualidade da experiência inscrita também uma determinada intensidade experimentada. Esta intensidade será dada pela quantidade de imagens mnêmicas comprometidas com a situação angustiosa. Forma-se assim o que designamos como "núcleo de engramas associado à situação traumática".

Dissemos que quando o ego é capaz de, uma vez catetizado algum dos elementos deste núcleo, reavaliar sua associação com o objeto causador da angústia, então o funcionamento do aparelho psíquico segue seu curso normal. Correções irão sendo efetuadas à medida em que a "situação de desamparo" do ego frente ao estímulo angustioso é alterada em função de seu desenvolvimento e maturação. No entanto, no momento em que a reavaliação do ego frente à associação indicar a existência de "perigo" para o aparelho psíquico, é dado o "sinal de angústia", ou seja, o ego permite controladamente que alguns dos

engramas pertencentes ao núcleo associado ao objeto angustioso sejam catetizados produzindo com isso uma angústia moderada, e isto então serve para por em funcionamento os mecanismos defensivos que evitam o re-surgimento da angústia econômica.

Dissemos, finalmente, que quando o "ego-avaliador" começa a operar através exclusivamente de "inferências aleatórias", sem ser capaz de re-examinar as associações estabelecidas no aparelho psíquico e fica com isso interpretando "perigos" em função de "situações traumáticas" que permanecem atuais por não serem nunca corrigidas, então a relação deste aparelho com o meio está necessariamente prejudicada, e o indivíduo está formando uma neurose. Por outro lado, vimos que o modo psicótico de funcionamento do aparelho psíquico vai estar referido, no caso de psicose delirante a falhas na parte avaliadora do dispositivo "ego-seletor", e no caso da psicose alucinatória a falhas na parte seletora do dispositivo "ego-seletor".

4.3 - REGRESSÃO

Uma leitura minuciosa dos textos de Freud nos revela o uso indiscriminado que faz do termo "regressão" para nomear fenômenos diversos. No capítulo VII da "Interpretação dos Sonhos" (15) sugere três tipos de regressão: formal, temporal e topográfica, referindo ainda uma quarta regressão, esta designando simplesmente o fenômeno que tenta explicar com as três anteriores. Deste emaranhado conceitual que tentaremos discernir rapidamente aqui, lidaremos apenas com a chama-

da regressão formal procurando compreender sua participação na gênese dos quadros psicopatológicos.

Freud começou por observar que o fenômeno do "sonhar" se diferenciava basicamente do "pensar" naquilo que se referia ao aspecto da ordenação e do sentido que tomavam os processos cognitivos em um e em outro. Assim, verifica que a "abstração" e a "associação" que caracterizam o pensamento em vigília, ou seja, o fenômeno que parte de imagens perceptivas para configurar os processos de juízo e de raciocínio, nos sonhos se encontra invertido. Nele temos um processo que partindo de juízos e raciocínios termina precisamente em imagens perceptivas, as imagens alucinadas dos sonhos.

Pois bem, a este fato observado Freud designa o nome de "regressão". Este é o quinto sentido do termo que referimos anteriormente. Mas como explicá-lo? Freud recorre a um modelo teórico, o aparelho psíquico, e assim como vimos no capítulo 1 começa a formular uma nova topografia - a segunda topografia do aparelho psíquico. Com isso formula uma hipótese explicativa, a do sentido da energia que o percorre, caracterizando que no "pensar" este sentido começava no polo perceptivo e terminava no polo motor, ao passo que no "sonhar" se dava o contrário: a energia partia do polo motor para terminar no polo perceptivo configurando as imagens visuais dos sonhos. O fechamento do polo perceptivo durante o sono garantiria a plausibilidade da hipótese pois diminuindo a entrada de quantidade no aparelho psíquico deixaria de ficar privilegiado o sentido polo perceptivo-polo-motor.

Ora, podemos entender a "regressão topográfica" como o fenômeno que caracteriza a "retrogressão" (de Brauer) da energia, que explicaria metapsicologicamente os fatos da "des-abstração", e da "les-associação" dos processos cognitivos durante o sonhar. No entanto, havia ainda um problema, o de explicar porque exatamente a energia retrocedia, ou seja, porque continuava a haver movimento uma vez fechado o polo perceptivo com o estabelecimento do sono. Freud então, influenciado pelo pensamento Jacksoniano, formula a hipótese de que no curso do desenvolvimento o aparelho psíquico iria incorporando estruturas mais complexas que exercem funções novas inibindo as anteriores e que, deveria ocorrer também no sonho um processo semelhante, ou seja, uma substituição de funções. O pensamento deixando de operar dava lugar a processos hierarquicamente inferiores a ele, inibidos por ele quando de seu surgimento. Assim, com o fechamento do polo perceptivo na situação do sono, outra função re-surgia e o aparelho psíquico passava a funcionar sob o regime de "processo primário". Freud designa este movimento de "des-organização" e "des-desenvolvimento" de "regressão formal". É neste sentido que usaremos aqui o termo "regressão".

Por fim, a indicação de um outro tipo de regressão, a "regressão temporal" está diretamente referida ao fato de que, dentro de certos limites, a progressão ou desenvolvimento cronológico acompanha a progressão formal. Isto quer dizer que os processos de funcionamento mais primitivos também investirão conteúdos mnêmicos mais primitivos, referidos a é-

pocas precoces do desenvolvimento.

De posse destes esclarecimentos quanto à terminologia, passemos à caracterização do fenômeno da regressão quanto a três aspectos distintos. Começemos por reconhecer que a partir de 1914, após a "introdução ao narcisismo", Freud se utiliza do termo "libido" num sentido muito proprio. Define-a como o conjunto de processos bio-energéticos que têm sua origem no soma a partir da "tensão de necessidade", e termina também no soma através da "satisfação da necessidade" pela "ação específica", com a participação mediadora do sistema nervoso e do psiquismo. São, de fato, processos bio-neuro-psíquicos que cumprem um percurso evolutivo específico, e que podem ser investigados segundo, como dissemos, três aspectos ou linhas genéticas: quanto à organização libidinal, ou seja, no que diz respeito a como se organizam tais processos em referência a todo este circuito, e que assumem determinadas configurações que denominamos de "fases"; quanto às relações objetais, ou seja, no que diz respeito às diversas possibilidades de relação entre o aparelho psíquico e o meio, e finalmente quanto ao ego, ou seja, no que se refere exclusivamente ao processamento a nível de Psi-pallium do que ocorre em termos deste circuito libidinal. Estas três linhas evolutivas caracterizam assim três aspectos do desenvolvimento da libido que podem independentemente sofrer um processo regressivo.

Em relação ao primeiro aspecto, o da organização das fases da libido, diremos apenas que o sentido do desenvolvimento, partindo da fase "anárquica" para a fase "oral", pas-

sando pela fase "sádico-anal", "fálica", até chegar à "genital", aponta para uma situação onde todos os instintos parciais estejam unificados em torno de um único objeto para um determinado fim, a procriação. Inicialmente Freud supunha que a organização era atributo específico da fase "genital" mas em seguida propõe (26) que nas fases pré-genitais os instintos parciais se encontrariam já reunidos embora a primasia ainda não fosse da zona genital.

O segundo aspecto, que diz respeito ao desenvolvimento das relações com os objetos, vai se referir a um percurso evolutivo que se inicia na fase "auto-erótica", onde não há ainda a configuração de um objeto, passa pela fase "narcisística", onde o objeto é o próprio indivíduo, até chegar à fase "alo-erótica", onde a sexualidade é vivida nos termos de uma relação de alteridade e de complementação.

Desnecessário dizer que tanto em relação ao primeiro quanto ao segundo aspecto a regressão se efetuará desrespeitando esta ordenação evolutiva num retrocesso que poderá se deter em qualquer uma delas mas que como vimos, jamais será uma escolha aleatória.

O terceiro aspecto, que diz respeito ao desenvolvimento do ego, pode ser descrito segundo três pontos de referência. Dois deles já foram mencionados no capítulo 1, o terceiro examinaremos com maior detalhe agora. São eles: 1º) quanto ao modo de circulação da energia dentro do aparelho psíquico; 2º) quanto à equivalência entre percepção e representação e 3º) quanto a sua função sintetizadora.

Vimos no primeiro capítulo como no curso do desenvolvimento os "processos psíquicos primários", que funcionam através do livre escoamento de energia no interior do aparelho, dão lugar aos "processos psíquicos secundários", e esta passagem inaugura uma estrutura hierárquicamente superior de funcionamento. Este é o primeiro ponto de referência que mencionamos e que caracteriza a passagem evolutiva de "processo psíquico primário" a "processo psíquico secundário". Uma regressão a este nível recolocaria o aparelho psíquico investindo fortemente a memória do objeto de satisfação e apagando a memória do objeto hostil, em atenção ao cumprimento daquelas duas forças que denominamos "desejo" e "repulsa".

Vimos também no capítulo 1 como que as relações entre percepção e representação ficavam no início dos trabalhos de Freud referidas ao modo de circulação da energia, de tal forma que a realidade só era reconhecida quando o aparelho estava funcionando em "processo psíquico secundário". Neste sentido "princípio do prazer" apontava para o funcionamento do aparelho psíquico em "processo psíquico primário", e a consideração da realidade caracterizaria a vigência do "princípio da realidade". Nesta época a regressão de "pr. de realidade" para "pr. de prazer" implicaria, necessariamente, para uma regressão de "processo psíquico secundário" a "processo psíquico primário". É somente em 1917 (31), quando o órgão da consciência passa a coincidir com o da percepção através da formulação do dispositivo "perceptual-consciente" que a prova de realidade passa a ser função deste sistema, e se diferencia as

sim uma outra linha genética de desenvolvimento do ego: a que caracteriza a passagem evolutiva de "Pr. do prazer" para "Pr. da realidade". Uma regressão pode assim ocorrer no sentido de voltar o aparelho psíquico a funcionar em "processo primário" sem com isso comprometer o exame da realidade através do "pr. da realidade", como é o caso do ato falho, ou do devaneio.

A terceira linha de desenvolvimento do ego está referida à função de síntese psíquica. Vimos no capítulo 2 como as primeiras discussões a respeito do mecanismo da histeria estavam centradas em torno de um fenômeno: o da dissociação da consciência. Vimos como haviam diversas hipóteses explicativas embora em um aspecto houvesse unanimidade: a dissociação era um mecanismo específico do fenômeno histérico. Mais tarde, em 1894 (12), quando Freud propõe que a dissociação ocorria a serviço de uma defesa, e que a defesa era acionada a partir da existência de um "conflito", passa o fenômeno da dissociação a ser extensivo às chamadas "neuro-psicoses de defesa".

Vimos no capítulo 2 como é a existência de um "conflito" que mobiliza as defesas do ego, e como o "conflito" pode ser descrito como uma associação entre uma idéia e duas estruturas afetivas: uma prazerosa e outra desprazerosa. Assim, dissociação pode ser entendida como o fenômeno que vai despojar os engranas ideativo e emocional de suas respectivas quantidades de afeto. As memórias ficam reprimidas e as quantidades de afeto poderão sofrer diferentes destinos: serem con

vertidas, como na "histeria conversiva", serem conectadas fal_{sa}mente, como na "neurose obsessiva", serem descarregados vis_{ce}ralmente, como na "histeria ansiosa", ou ainda serem proje_{ta}dos, como na "paranóia crônica".

Mas há uma alternativa, que mencionamos na seção 3.4 do capítulo anterior e que vai caracterizar o que podemos considerar como a defesa inicial das chamadas psicoses: o ego ao invés de dissociar idéia de estrutura afetiva, vai operar no sentido de rejeitar ambas as estruturas juntamente com suas respectivas quantidades de afeto. Este fenômeno será designado como "repúdio" e caracteriza a psicose alucinatória. O ego não sinaliza, como nos casos anteriores, para dar início à repressão (dissociação) na tentativa de resolver o conflito, mas recusa a realidade conflitiva negando-se a examiná-la.

Temos agora duas possibilidades do aparelho psíquico para fazer frente ao "conflito": nas neuroses o ego vai dar o "sinal de angústia" e terá início a repressão: nas psicoses o ego recusa a realidade conflitiva impedindo o acesso à consciência de todo o complexo. A isto se segue, como vimos no 2º capítulo, o estado de saúde aparente (12, 47). Na segunda fase do adoecer psíquico então, que diz respeito ao retorno do reprimido, novamente teremos que considerar duas alternativas: as vicissitudes do reprimido que retorna, e as vicissitudes do repudiado que retorna.

Agora então chegamos à consideração daquilo que designamos como "função sintetizadora" do ego. Quando fracassa

a defesa inicial, volta a surgir a ameaça de um desequilíbrio econômico dentro do aparelho psíquico, quando o "desejo" novamente for imperativo, ou quando as forças que mantêm a repressão estiverem enfraquecidas. Este desequilíbrio econômico já sabemos que é o surgimento da angústia. O ego tem então novamente como tarefa a consecução de uma operação que resguarde o aparelho psíquico de um novo trauma, atendendo simultaneamente às duas demandas, a do "desejo" e a da "repulsa". Provê, como uma das alternativas, uma "formação de compromisso" onde satisfaz parcialmente as duas demandas (14). É sob esta condição que pode então retornar à consciência o conteúdo que foi reprimido, ou seja, sob a condição de ser um produto que ao mesmo tempo que não desperte uma angústia intolerável, realize também em alguma medida o "desejo".

Esta produção de um compromisso dentro do aparelho psíquico atesta o que denominamos de "função sintetizadora" do ego, ou seja, a tarefa exercida pelo ego de reunir e sintetizar as diferentes exigências que se lhe impõem as instâncias psíquicas. Pois bem, quando surgir a ameaça de retornar à consciência não mais o reprimido mas aquilo que foi recusado, então ao invés da síntese o ego pode operar uma "cisão" (39, 40). Surgem as duas forças, "desejo" e "repulsa", porém independentemente. Estas duas organizações psíquicas podem desta forma coexistir desde que de forma alternada, ora tem acesso à consciência o reconhecimento da realidade insatisfatória, ora a sua rigorosa recusa.

A regressão que tem lugar no aparelho psíquico em

referência a esta terceira linha genética de desenvolvimento do ego caracteriza a perda da síntese psíquica, ocorrendo a clivagem.

4.4 - A "CONDIÇÃO QUANTITATIVA"

No processo de gênese da neurose concorre uma "condição" que está em referência ao que Freud chamou de "fator quantitativo". Vamos primeiro examiná-lo para depois compreendermos que "condição" ele deverá cumprir para ocasionar uma neurose. O "fator quantitativo" vai designar uma relação entre um conceito econômico e um conceito estrutural, ou seja, uma relação entre quantidade de catexes e capacidade do sistema nervoso de controlá-la. Em outras palavras isto corresponde à relação entre a quantidade de libido ("Q") e a força do ego ("C") (8, 18, 37, 40), e é como sabemos, da relação entre as exigências libidinais com a capacidade do ego de fazer frente a elas, que poderão surgir as situações desequilibradoras que exigirão medidas de proteção ao aparelho psíquico a fim de evitar o re-surgimento da angústia intolerável. Ora, a relação entre "Q" e "C" poderá sofrer determinadas variações até que a partir de determinado valor tomado como limiar ela passa a designar como patológica toda e qualquer medida defensiva utilizada para resolver o desequilíbrio estabelecido; isto equivale a dizer que o "fator quantitativo" (i. é, a razão entre "Q" e "C") pode oscilar até um valor "L", e que sempre que houver uma exacerbação ou aumento de "Q", ou um enfraquecimento ou diminuição de "C" que determinem que o limiar "L" foi ultrapassado, então a possibilidade de resolução do desequilí

brío estabelecido ~~estará~~ comprometida (32, 37).

Pois ben, esta é a "condição quantitativa" para a gênese da neurose, ou seja, a condição de que a relação entre "Q" e "C" seja maior do que "L", a condição de que o "fator quantitativo" seja supra-limiar. Agora resta-nos dizer que a amplitude de variação da relação "Q/C", ou ainda, a dimensão relativa de "L" deverá ser estabelecida a partir dos fatores que determinam "C", que são: o fator ontogenético, dado pelas relações do aparelho psíquico com o meio, e o fator filogenético, hereditário.

4.5 - A "CONDIÇÃO QUALITATIVA"

Reunindo tudo o que vimos até agora podemos afirmar que o processo de gênese da neurose ocorreria então em função de duas condições: a "condição quantitativa", que vimos na seção anterior, e a "condição qualitativa", que examinaremos agora. Esta diz respeito ao cumprimento daquilo que Freud designou como "equação etiológica" dos distúrbios psíquicos.

Para facilitar nossa compreensão vamos resumir a "equação etiológica" e explicitar, em seguida, cada elemento que a constitui.

$$N = H+P+E+D$$

"H" se refere ao fator hereditário desta conjugação de elementos. Freud (8) desde muito cedo se perguntou sobre a importância da hereditariedade no estabelecimento dos quadros psicopatológicos, admitindo-se ora como um componentes in dispensável (embora por si só insuficiente) na causação da neurose, ora dispensando a sua participação, nas neuroses ad-

quiridas.

O elemento "P" da equação, assim como o elemento "D" podem ser caracterizados como os fatores "não específicos" da "equação etiológica" que, da mesma forma que "H", podem não estar presentes na gênese da neurose. Quando ocorrem, no entanto, serão respectivamente o fator pré-disponente e o fator desencadeante do surgimento do quadro psicopatológico.

Dissemos que, assim como "H", "podem não estar presentes"; acrescentaremos agora que de fato constituem elementos dispensáveis desde que o fator "E", fator essencial, seja capaz de, por si só, fazer a relação "Q/C" ultrapassar o limiar "L", ou seja, de que o fator "E" por sua magnitude cumpra o que chamamos de "condição quantitativa". Isto significa que a existência do fator essencial é, por sua vez, a "condição qualitativa" no processo de causação da neurose. Freud identificou o fator essencial com os eventos sexuais da história do indivíduo.

5 - O PROCESSO ANALÍTICO E O MANEJO DA ANGÚSTIA

Nossa preocupação nos capítulos anteriores foi a de examinar, passo a passo, dentro de uma perspectiva metapsicológica, toda a gênese das formações patológicas. Temos agora os subsídios necessários a uma outra tarefa a de tentar uma explicação possível para o processo que visa desfazer estas formações. Este processo é o processo analítico. Aqui chamamos a atenção para uma primeira escolha que faremos: as formações às quais dedicaremos nossa atenção neste capítulo são aquelas afecções a que nos referimos no cap. 3 como psico neuróticas, particularmente ao mecanismo patogênico da repressão. Por conseqüente, o estudo do processo de desfazer as formações psicopatológicas se restringirá ao levantamento do reprimido. Nossa preocupação estará referida unicamente à questão de explicar de que maneira o processo analítico é capaz de desfazer o "conflito psíquico" gerador de angústia frente ao qual se articularam as soluções psicopatológicas.

Veremos o que Freud afirma a respeito deste processo para tentarmos levantar hipóteses quanto ao desenvolvimento dentro do aparelho psíquico de algumas de suas etapas.

5.1 - O ANALISTA EM SUA "FUNÇÃO DE PRESENÇA"

Diremos antes de mais nada, que o estabelecimento da relação analítica ocorre dentro de determinados parâmetros. As condições objetivas no limite das quais transcorrerá o processo analítico são firmadas de comum acordo entre analista e analisando e formarão aquilo que designaremos de enquadre terapêutico. Fazem parte deste quadro fatores como a frequência

dos encontros terapêuticos, a duração, o preço da sessão, etc, e um fator que desejamos relevar particularmente: o analista "enquanto terapeuta". Usaremos esta expressão no decorrer do capítulo em oposição ao que falaremos mais adiante em termos do analista "enquanto objeto trasferencial".

É importante explicitarmos que o termo "terapeuta" aqui está sendo usado num sentido bastante específico e é somente nesta referência que podemos usá-lo como contraposto a "objeto transferencial". Com "terapeuta" queremos, precisamente, significar o analista permitindo, através de uma atuação interpretativa, que surja num momento dado da relação analítica a sua presença atual, o que corresponde metapsicologicamente a função de atrair as catexes para o grupo de engrasmas referidos à sua imagem. Chamaremos portanto esta função do analista "enquanto terapeuta" de "função de presença". A ela oporemos a "função de ausência" do analista, que, como veremos mais adiante, vai estar referida a uma ausência de foco sobre o enquadre terapêutico e as representações pre-conscientes referidas à sua imagem. Vimos no cap. 1 como Freud (15) refere as representações pré-conscientes como aquelas que através do fenômeno da atenção (foco) podem surgir à consciência a qualquer momento. Assim, quando nos referimos a uma atuação do analista em sua "função de presença", estaremos nos referindo ao instante em que ele chama a atenção (focaliza) para a sua presença efetiva nos termos do enquadre terapêutico. Veremos isso mais detalhadamente a seguir. Diremos por ora apenas que esta função "terapeutica" está relacionada à possi-

bilidade que o analista tem de oferecer ao analisando uma discriminação possível entre as apresentações reprimidas e as representações pré-conscientes/conscientes que fazem parte da "formação transferencial".

5.2 - OS OBJETIVOS DO PROCESSO ANALÍTICO

Freud trata da questão dos objetivos a serem alcançados pelo exercício da psicanálise em muitas passagens dentro de sua obra. Encontramos, no entanto, uma direção comum que parece estar presente nas várias formulações a respeito do assunto (18, 37, 40). Trata-se, partindo da premissa de que a condição básica dos estados patológicos deva residir num debilitamento relativo ou absoluto do ego, de restabelecer com o processo analítico, o pleno funcionamento deste dispositivo para que as soluções frente ao meio possam ser encontradas, sem tanto prejuízo ao aparelho psíquico em sua adaptação à realidade. Em outras palavras, isto significa, favorecer ao ego com os recursos da técnica analítica, condições de assumir novas soluções frente às situações de "conflito" resolvidas até então por meio da repressão, compulsivamente efetuada. Em nosso cap. 3 pudemos identificar que este debilitamento funcional característico dos estados neuróticos, estava relacionado à estrutura "ego-avaliadora". Pois é, portanto, através do recurso de promover novas avaliações das situações tidas como "perigosas" ao ego que a atividade terapêutica poderá oferecer ao mesmo a possibilidade de novas soluções.

Essa nova avaliação vai dizer respeito à decisão do ego de permitir que determinado "desejo" seja atendido ou que

determinado engrama referido ao "objeto hostil" seja reconhecido, sem com isso expor o aparelho psíquico a uma vivência de angústia. Isto significa: sem perder a capacidade de controlar o aumento de tensão que pode resultar tal permissão. Agora acrescentaremos que, no momento em que o analista propicia uma discriminação entre o reprimido e sua "imagem presente", ele nada mais está fazendo do que oferecer ao ego a possibilidade de um re-exame frente a uma situação que estava sendo vivida como "perigosa", e diante da qual ele se preparava para efetuar nova repressão.

Examinaremos no tópico 5.7 três formulações a respeito dos objetivos da terapia analítica, fundamentando-os metapsicologicamente; serão elas:

(i) - a de que o papel da análise seria conseguir as melhores condições psicológicas possíveis para o bom desempenho do ego a fim de que este obtenha um amplo acesso à sua parte inconsciente (18,37).

(ii) - a de que a finalidade do trabalho analítico seria trazer para o terreno psíquico tudo aquilo que estaria se expressando através da motilidade e da "repetição" compulsiva, ou seja, a análise deveria ser capaz de promover a substituição da "repetição" pela "recordação". (18)

(iii) - a de que o objetivo do processo analítico seria alcançar a supressão das lacunas mnêmicas existentes, quanto à história passada do indivíduo (27), isto é: ao levantamento do reprimido.

5.3 - A RESISTÊNCIA.

Existe uma condição, de caráter dinâmico, que deve ser vencida, no decorrer do processo analítico, para que um dos objetivos, a que este se propõe alcançar, possam efetivamente ser atingidos: o constante confronto com os obstáculos que o ego oporá ao trabalho de reconhecimento do material reprimido (18, 19, 20, 27, 38, 40). Esta tarefa de vencer a resistência do ego contra o retorno do reprimido à consciência, constitui, segundo Freud (40), a parte do trabalho analítico que demanda maior tempo e máximo esforço. Isto porque, como vimos no cap. 2, a partir da repressão o ego trata de erigir forte barreira ao re-surgimento do conteúdo que foi banido da consciência, pois re-admiti-lo seria expor o aparelho psíquico a nova vivência de angústia. Desta forma, as contra-cateques mantidas pelo ego no sentido de reforço à repressão efetuada, surgem dentro do contexto terapêutico sob a forma de resistência ao desenvolvimento do processo. Freud (37, 40) sugere em mais de uma passagem que aqueles mecanismos defensivos dirigidos contra as demandas do ID reaparecerão no correr do trabalho analítico como mecanismos contra a cura, e surgirão sempre mais intensificados toda a vez que algum fragmento do complexo inconsciente seja descoberto. Acrescentaremos agora mais alguma coisa a respeito da intervenção do analista "enquanto terapeuta": diremos que ele teria, com o desvio das catexes das representações reprimidas para as representações ligadas ao enquadre terapêutico, o necessário controle da angústia para o adiamento da repressão e com isso para a nova solução do ego, frente à situação tida como perigosa. Em outras

palavras, a presença do terapeuta que aponta, num determinado momento, para a diferença entre a imagem reprimida e a imagem do analista, assegura dentro do contexto analítico, o manejo da angústia.

Será através do controle do desenvolvimento da angústia que o reprimido poderá então ser readmitido à consciência. O reconhecimento das resistências, que é feito gradativamente com o desenrolar do processo, serve como que um indicador destes conteúdos reprimidos e é, segundo Freud (40) o trabalho inicial feito em colaboração entre analista e analisando, onde o primeiro vai traçando uma espécie de mapeamento do funcionamento psíquico do paciente, com isso favorecendo que este amplie seu auto-conhecimento, o que significa um início de resgate do poderio perdido pelo ego nas lutas contra o ID e o surgimento da angústia (40). No entanto, não é por ser uma etapa primária no processo de análise que a tentativa de superação das resistências pode ser abandonada em algum momento do trabalho analítico, mas pelo contrário, esta tarefa deve permanecer até o final. Freud adverte, também sobre as diversas formas em que a resistência pode aparecer durante a análise e nos fala a respeito de um fenômeno que a expressa de maneira bastante peculiar: o fenômeno da transferência. Sobre isso falaremos na seção 5.5.

5.4 - A REGRESSÃO COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO

Existe, na situação terapêutica, medidas de ordem prática que têm por objetivo minimizar o quanto possível esta resistência do ego.

Tais medidas visam favorecer um estado de regressão no aparelho psíquico que teria como conseqüências não somente a atenuação dos recursos defensivos do ego, como também o importante surgimento dos componentes primários do funcionamento psíquico. Nós vimos no cap. 4 como podemos falar de linhas de desenvolvimento na estruturação do aparelho psíquico, e como existe a possibilidade de cada uma delas sofrer um processo regressivo.

Na situação terapêutica a estruturação do setting psicanalítico, o uso do divã, etc. são recursos que visam facilitar a regressão em suas várias formas:

1ª) A primarização, isto é, a prevalência de "processo psíquico primário" sobre "processo psíquico secundário".

2ª) A perda da realidade, isto é, a prevalência de "princípio do prazer" sobre "princípio da realidade".

3ª) A cisão, isto é, a prevalência de "dissociação" sobre "síntese".

Tais recursos, repetimos, pretendem favorecer a regressão porque somente primarizando o modo de circulação da energia dentro do aparelho psíquico e favorecendo o ressurgimento da força do "desejo" que todo o material reprimido poderá se deslocar e se condensar ao redor de um novo grupo de representações no aparelho psíquico, aquelas referidas à imagem do terapeuta, constituindo o que Freud (27) chamou de "neurose transferencial".

Será também através da regressão, que o terapeuta poderá levar a cabo uma daquelas duas tarefas constitutivas do

processo analítico - a que Freud (37) denominou de "análise do ID". A outra, que se põe paralela a esta, é a "análise do EGO" a primeira dizendo respeito ao reconhecimento do reprimido e a segunda ao exame das defesas erigidas contra êle. Aqui também devemos reconhecer que a atuação do analista que num determinado momento chama a atenção sobre a sua presença e sobre elementos do enquadre terapeutico é uma atuação que visa controlar o nível de regressão.

5.5 - A TRANSFERÊNCIA.

A transferência é o fenômeno de atualização de desejos inconscientes sobre determinado objeto. Podemos referir-lo a todo tipo de relação humana reconhecendo que em maior ou em menor grau há sempre algum nível de distorção na percepção que se tem do mundo "externo" em função de representações "internas". Falemos portanto de um "contínuum" cujas extremidades apontariam para "situações-limite", dentro do qual necessariamente estaria contida toda a variação possível de relações interpessoais. A relação analítica vai ser aquela que tentará estabelecer um máximo de distorção (a partir de elementos "internos"), ou seja, que estimulará a transferência oferecendo um mínimo de elementos "externos". Isto por duas razões: primeiro porque frente a um estímulo externo (o analista) pouco estruturado, a percepção efetuada denuncia a organização interna (do analisando)-o que faz parte do objeto de análise; e segundo, porque o estímulo externo pouco estruturado favorecerá, durante o processo, discriminação progressiva entre o "percebido" e o "desejado"-o que faz parte do objetivo.

vo da análise. É assim que podemos falar da transferência como um instrumento terapêutico, o mais poderoso com o qual pode o analista contar em seu trabalho (16); ela está especialmente calculada no sentido de facilitar o retorno das conexões afetivas banidas da consciência (38), pois o terapeuta pelo "incognito", a respeito de sua pessoa, favorece a transposição, para si, de todo o material associado a figuras significativas da história do paciente. Ocorre com o fenômeno da transferência aquilo que vimos suceder na "formação de sintomas", ou na "elaboração onírica", isto é, um compromisso entre representações para que o conteúdo reprimido possa ter acesso à consciência. Chamaremos aqui de "formação transferencial", portanto, à condensação que ocorre na situação analítica entre o material reprimido e as representações pré-conscientes referidas ao enquadre terapêutico e a figura do analista. Este "produto de compromisso" entre realidade interna e realidade externa, será o elemento inicial para que toda a organização psíquica se disponha ao redor dele, constituindo o que designamos de "neurose transferencial". Isto implica em que todos os elementos da neurose do paciente passem a estar referidos ao novo compromisso que inclui a figura do terapeuta, e tornem-se manifestos e atuais ganhando significado dentro da relação estabelecida (27). Freud (40) reafirma a importância da atualização do funcionamento neurótico pela transferência relevando que é somente através dela que o ego pode efetuar novas avaliações.

Pois bem, na seção 5.1 fizemos referência a um ter-

no que examinaríamos mais adiante: o analista "enquanto objeto transferencial". Vamos agora esclarecer os termos: o analista "enquanto objeto transferencial" corresponde ao analista mal estruturado em sua presença atual, significa uma "função de ausência" que lhe assegura tanto quanto uma possibilidade de ocorrência de material suficiente para que se realize a "função de presença". Isto quer dizer que discriminar um desejo, elemento subjetivo, de um elemento objetivo é tão mais fácil quanto menos elementos objetivos oferecemos a esta percepção, o que asseguraria a inteira prevalência do desejo - e esta é a garantia. Com isso estamos chamando a atenção para o fato de que a ausência do analista enquanto estímulo definido, ou seja a presença do analista "enquanto objeto transferencial" não cumpre somente a função de permitir o acesso às representações reprimidas, mas também de facilitar a sua função de analista enquanto terapeuta. Vamos esquematizar esta proposição, estabelecendo que:

- o analista enquanto terapeuta exerce uma "função de presença".
- o analista enquanto objeto transferencial exerce uma "função de ausência".
- os termos "presença" e ausência" estão referidos à presença ou ausência de uma discriminação na "formação transferencial" entre os elementos inconscientes e pré-conscientes/conscientes que a constituem.
- o analista "enquanto terapeuta", ou em sua "função de presença" promove a discriminação na trans

ferência entre a imagem reprimida e a imagem do analista.

- o analista "enquanto objeto transferencial" ou em sua "função de ausência" não promove a discriminação, o que permite que a percepção ocorra condensando a imagem reprimida com a imagem do analista.

Isto numa linguagem metapsicológica corresponde -
ria a:

- a partir da regressão o funcionamento psíquico encontra-se primarizado, e como tal efetua deslocamentos e condensações obedecendo prevalentemente ao princípio do prazer desconhecendo as sínteses efetuadas até então pelo ego.
- a nova formação de compromisso fornecida por esta regressão, que constitui a "transferência" pode ser concebida como um grupo de representações que são uma condensação entre as imagens pré-conscientes/conscientes referidas ao analista e as imagens reprimidas inconscientes.
- o modo de circulação da energia tenderá a levar o fluxo de catexes na direção do reprimido.
- o analista em sua "função de presença" promoverá uma competição de catexes entre o grupo de representação reprimida e o grupo de representações pré-conscientes/conscientes.
- o analista em "sua função de ausência" não propi-

cia este desvio de catexes, o que faz com que a energia psíquica se acerque mais e mais das representações reprimidas.

Pois bem, a "função de ausência" do analista lhe garante o acesso ao material inconsciente e a análise do ID, no sentido que já referimos na seção 5.4. A "função de presença" do analista lhe garante o manejo da angústia.

Desejamos relevar particularmente esta hipótese na medida em que é nossa intenção sustentar que as novas soluções do ego pretendidas pelo trabalho analítico, estão ineludivelmente vinculadas a uma possibilidade de controle da ameaça frente a qual ele reage com o recurso da repressão, e essa ameaça, como sabemos, é a angústia. Este contrôlo que o ego não é capaz de efetuar em virtude já de uma economia interna inteiramente desfavorecida, será efetuado pelo analista, até que o reprimido possa surgir novamente a consciência, mas já como uma evocação afastando com isso o caráter de perigo iminente avaliado pelo ego. O analista em sua "função de presença" aponta para o caráter de "evocação" da imagem percebida quando efetua a discriminação dentro da transferência, mostrando que a ameaça sentida frente o reconhecimento daquela representação não é uma ameaça atual na medida em que atual é a sua presença enquanto analista, esta sim, percebida naquele momento. A explicitação da distorção efetuada pela transferência re-coloca o ego na posição de exame mas isto só pode acontecer porque este "desfazer a transferência" tem por efeito imediato a contenção da angústia.

Há um aspecto que desejamos esclarecer. Diz respeito ao foco que escolhemos nesta descrição do processo analítico. Escolhemos o exame do momento em que o "conflito" pode ser reavaliado pelo ego uma vez que o caráter de "conflito" se define e justamente em referência à ameaça do surgimento da angústia. Isto significa que a premissa necessária seria a de que no curso do desenvolvimento houve num momento dado uma exacerbação da quantidade de libido que ultrapassou a capacidade do sistema nervoso de fazer frente a ela. Como vimos no cap. 4, no tópico 4.4, existe um outro tipo de situação que faz com que as soluções adotadas pelo ego sejam de caráter patológico e não necessariamente por um aumento de "Q" mas por uma eventual diminuição de "C". Isto não só é verdadeiro, como pode também estar presente no decurso do processo analítico, e exige medidas por parte do terapeuta que não seriam as que descrevemos aqui. Queremos esclarecer com isso que dentro da relação analítica não existe somente a intervenção que desfaz a transferência ou a "ausência" que favorece a transferência, existe toda uma possibilidade de o terapeuta intervir ativamente promovendo a formação dos laços transferenciais, como existe o trabalho ativo que visa o aumento do nível de angústia.

Existe enfim toda uma possibilidade de atuação possível do analista frente ao analisando que somente para efeito didático justificaria a restrição que fomos obrigados a fazer aqui. O trabalho analítico seria extraordinariamente pobre, caso se resumisse àquilo que examinamos neste capítulo.

5.6 - A TRANSFERÊNCIA ENQUANTO RESISTÊNCIA

Na seção anterior falamos da transferência como um poderoso instrumento que o analista conta em seu trabalho, mas já fizemos também referência ao fenômeno da transferência quando se constitui em uma das muitas formas que o ego tem de opor obstáculos ao trabalho de fazer emergir à consciência as representações reprimidas. Podemos compreender agora, que a transferência surge como uma resistência toda a vez que falha a tentativa de discriminação entre o reprimido e a imagem do analista, acontecendo, como consequência de perigo advertido, um re-
crudescimento da defesa do ego contra o surgimento do reprimido. Em outras palavras, é quando na competição de catexes entre a representação inconsciente e as representações pré-conscientes ganha a representação inconsciente, o que faz com que o ego avalie a situação como perigosa e efetue nova repressão frente a ela. Aqui se compreende claramente a tentativa do trabalho analítico de promover a substituição da "repetição" pela "recordação". Diremos que quando nesta competição de catexes ganham as representações pré-conscientes então aquilo que seria uma repetição compulsiva do ego de defender-se através da repressão frente a emergência do reprimido é substituído em função do estancamento da angústia por uma reavaliação e uma permissão de que ele emerja pois pode ser reconhecido enquanto representação mnêmica e não perceptual como parecia. Isto seria o "recordar". E quando na mesma competição ganham as representações reprimidas então o ego reage a elas como se as tivesse realmente percebendo e avalia o reconhecimento delas como perigoso efetuando nova repressão. Isto seria "repetir" frente ao

analista o mesmo padrão de conduta efetuado frente às figuras significativas do passado.

5.7 - O MANEJO DA ANGUSTIA.

Já dissemos quase tudo a respeito de como pode o reprimido retornar à consciência sem com isso implicar na re-experiência da angústia pelo aparelho psíquico. Talvez devamos sumarizar o que já foi dito, acrescentando o que tenha faltado:

- um dos objetivos da análise é favorecer ao ego novas soluções frente as situações perigosas às quais reagia com o "sinal de angústia" para dar início à repressão;
- o estabelecimento da transferência ocorre na relação analítica, a partir da regressão, e diz respeito a uma formação de compromisso entre o reprimido e as imagens pre-conscientes/conscientes referidas ao enquadre terapêutico", dentre elas a imagem do analista;
- a percepção que o analisando passa a ter uma vez estabelecida a "neurose transferencial" é então uma percepção distorcida que condensa duas ordens de representações, e que podemos chamar aqui de duas faces da "formação transferencial": a face inconsciente e a face pré-consciente/consciente;
- o analisando oferece material para análise, através de muitas fontes: através do que comunica, verbal ou extra-verbalmente, através do que sonha, a

través do que fantasia, dos ato-falhos que comete, etc., e é seguindo o curso associativo de suas comunicações, que o analista poderá ter acesso às representações inconscientes;

- através da regressão favorecida pelo "setting" o fluxo de catexes circulará dentro do aparelho psíquico em direção àquilo que chamamos no capítulo 3 de "núcleos associados à situação traumática", pois lá estará o desejo reprimido que constituiu o conflito causador da angústia posteriormente evitado através de repressões sucessivas;
- quando o fluxo de catexes energiza algum engrama associado à representação reprimida isto significa que em termos da neurose transferencial as catexes estão fluindo em direção à face inconsciente da constelação transferencial;
- as manifestações do "sinal de angústia" constituem o indício de que o terapeuta se utiliza para nesse momento intervir (interpretação transferencial) desviando o curso de catexes da representação reprimida para a representação pré-consciente / consciente;
- o controle da angústia, que decorre do afastamento das catexes da representação reprimida efetuado pelo analista num determinado momento, pode ter lugar, uma vez que o caráter objetivo da percepção é questionado, o que possibilita ao ego um re

-exame da situação tida como perigosa. Deste re-exame poderá resultar uma nova solução defensiva, e o reprimido poderá surgir a consciência como memória.

Talvez possamos entender agora o que significa o nível de ansiedade produtiva" exigido para o trabalho analítico; significa o analista ter como "bússola", que indica o caminho a ser seguido em suas investigações, as variações de tensão e emergentes na seção analítica. Quando essa tensão é nula, isto significa que o fluxo de catexes não está circulando nos chamados "núcleos associados à representação reprimida". O terapeuta contará com um nível produtivo de angústia toda vez que o curso associativo do paciente denunciar que os "núcleos associados à representações reprimidas" estão sendo energizados.

Podemos também compreender agora as seguintes afirmativas quanto ao objetivo do trabalho analítico:

1º) a de que a psicanálise deveria ser capaz de proporcionar ao paciente um amplo acesso ao seu psiquismo inconsciente. Isto significa que através da possibilidade de novas avaliações oferecidas ao ego, o processo analítico visa que o recurso de repressão seja abandonado em favor de uma defesa mais adequada. Como a repressão é aquela medida que subtrai as representações do nível da consciência, substituí-la por outra é resgatar essas representações ao comércio associativo consciente, ampliando desta forma o acesso do indivíduo ao seu acervo inconsciente. Metapsicologicamente isto se refere

à permissão do ego de catetizar os engramas reprimidos;

2º) a de que a psicanálise deveria promover a substituição da "repetição" pela "recordação". Isto significa dar condições ao ego de permitir o livre acesso às memórias, inclusive àquelas capazes de causar angústia, para re-avaliá-las enquanto evocações.

3º) a de que a psicanálise deveria ser capaz de suprir as lacunas mnêmicas contidas na história do paciente. Da mesma forma isto significa a permissão dada pelo ego de que o fluxo de catexes energize aqueles engramas, que uma vez reprimidos, provocaram hiatos na cadeia associativa consciente.

CONCLUSÕES

Tentamos empreender neste trabalho um estudo cuidadoso a respeito do processo de formação dos quadros psicopatológicos com vistas a responder de que forma é possível o retorno do material reprimido à consciência (que ocorre na terapia analítica), sem o surgimento da angústia. Em tal estudo, recapitulamos, inicialmente, as formulações freudianas:

- A defesa, efetuada pelo ego frente a uma exigência de que determinado desejo seja satisfeito, é sempre uma defesa contra a angústia que acompanharia tal satisfação.

- Esta angústia pode ser prevista pelo ego pois foi uma vez experimentada ("situação traumática") deixando no aparelho psíquico um registro de sua ocorrência.

- O ego, uma vez diante da ameaça de surgimento da angústia ("situação perigosa"), permite que algumas das representações ligadas à representação reprimida sejam catetizadas para que surja uma angústia controlada que serviria de "sinal" ao aparelho psíquico para o início de nova repressão.

Examinamos, a seguir, a situação analítica caracterizando-a de acordo com as seguintes formulações:

-No que se refere ao funcionamento psíquico, vimos que em função de determinados fatores ("setting", incógnito analítico, etc.) o aparelho psíquico sofre uma regressão que vai implicar em: prevalência de "processo psíquico primário" sobre "processo psíquico secundário", "princípio do prazer" sobre "princípio da realidade" e "dissociação" sobre "síntese psíquica", etc.

-No que se refere à relação com o analista, vimos que, como consequência da regressão, vai ocorrer uma nova formação de compromisso do material reprimido, através do fenômeno da "transferência". Isto significa que a relação transferencial pode ser entendida como a condensação que ocorre entre o conteúdo reprimido, e o material préconsciente/consciente referido ao contexto terapêutico e à imagem do analista. Numa descrição metapsicológica falamos de "formação transferencial" e nos referimos aos seus dois componentes como o componente inconsciente (reprimido) e o componente préconsciente-consciente.

-No que se refere à técnica analítica, tentamos precisar duas funções do terapeuta: "função de presença" e "função de ausência": à primeira referimos o analista "enquanto terapeuta", à segunda "enquanto objeto transferencial". Isto quer dizer que à primeira está associado o componente pré-consciente/consciente da "formação transferencial" e à segunda o componente inconsciente da mesma.

-No que se refere ao curso associativo do paciente vimos que, em função da regressão (e do auxílio do terapeuta) esse curso associativo será dirigido aos "núcleos associados à representação reprimida". Esta direção é apontada pelos indícios de aumento de tensão que o paciente pode oferecer no decorrer da sessão analítica.

A partir destas formulações, concluímos:

1) - O analista, em sua "função de ausência", facilita a direção do fluxo de catexes em relação ao componente inconsciente

(reprimido) da "formação transferencial". E sabemos que, quando a energia psíquica estiver investindo as representações associadas ao núcleo reprimido, além de um determinado nível de tolerância do ego, este dará início à sinalização de angústia

2) - O analista, em sua "função de presença", promove uma discriminação entre os dois componentes da "formação transferencial", através de uma "competição de catexes" (interpretação transferencial). Esta discriminação tem por objetivo impedir o aumento progressivo da angústia, o que levaria o ego a se defender compulsivamente através de nova repressão.

3) - Uma vez controlado o perigo de aumento progressivo da angústia, pode o ego efetuar uma nova avaliação da situação emergente. Esta nova avaliação pode dar lugar a uma nova solução defensiva, que permita a inclusão do material reprimido à consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROS, C.P. "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure on Freud's Metapsychology" in S. Ariete (ed). The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy. New York: Basic Books, 1971, Vol. I, pp. 72 - III.
2. BARROS, C.P. "Contribuição à Controvérsia sobre o Ponto de Vista Econômico" em Problemas Metodológicos da Psicanálise. Coleção Consciência nº 2, Petrópolis: Vozes, 1975.
3. EARP, A.C. de SÁ "Uma Revalidação Metapsicológica dos Conceitos de Defesa, Repressão e Resistência". Tese de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1973.
4. FREUD, S. "Estudio Comparativo de Las Parálisis Motrices Orgánicas e Histéricas" 1888 (1893), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 13-21.
5. FREUD, S. "Las Neuropsicosis de Defensa" Ensayo de una Teoría Psicológica de la Histeria Adquirida, de Muchas Fobias y Representaciones Obsesivas y de Ciertas Psicosis Alucinatorias" 1894 (1894), em Obras Completas, Madrid : Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. I, pp. 173-180.
6. FREUD, S. "La Neurastenia y la Neurosis de Angustia" 1894 (1895) em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. I, pp. 183-199.
7. FREUD, S. "Estudios sobre La Histeria" 1895 (1895), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. I, pp 39-168.

8. FREUD, S. "Crítica de la Neurosis de Angústia" 1895 (1895) en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva , 1968. Vol. I, pp. 199-208.
9. FREUD, S. "Obsesiones y Fobias" 1894 (1895), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973, Vol. I, pp. 178-182.
10. FREUD, S. "La Herencia y la Etiología de las Neurosis" 1896 (1896), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Vol. I, pp. 277-285.
11. FREUD, S. "La Etiología de la Histeria" 1896 (1896), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. I, pp. 299-316.
12. FREUD, S. "Nuevas Observaciones sobre las Neuropsicosis de Defensa" 1896 (1896), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. Vol. I, pp. 219-230.
13. FREUD, S. "La Sexualidad en la Etiología de las Neurosis" 1898 (1898), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. I, pp. 317-329.
14. FREUD, S. "Los Recuerdos Encubridores" 1899 (1899), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. Vol. I, pp. 157-166.
15. FREUD, S. "La Interpretación de Los Sueños" 1899 (1900) , en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva , 1967. Vol. I, pp. 231-584.
16. FREUD, S. "Análisis Fragmentario de una Histeria (Caso Dora)" 1901 (1905), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Vol. I, pp. 933-996.

17. FREUD, S. "Análisis de la Fobia de un Niño de Cinco Años (caso "Juanito")" 1909 (1909), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp.1365-1440.
18. FREUD, S. "Psicoanálisis: cinco conferencias pronunciadas en la Clark University, Estados Unidos" 1909 (1910), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Vol. II, pp. 1533-1563.
19. FREUD, S. "El Porvenir de la Teoría Psicoanalítica" 1910 (1910), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 402-407.
20. FREUD, S. "El Psicoanálisis 'silvestre'" 1910 (1910), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 407-410.
21. FREUD, S. "Los dos Principios del Funcionamiento Mental" 1911 (1911), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Vol. II, pp. 1638-1642.
22. FREUD, S. "Consejos al Médico en el Tratamiento Psicoanalítico" 1912 (1912), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 418-423.
23. FREUD, S. "La Dinámica de la Transferencia" 1912 (1912), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 413-418.
24. FREUD, S. "Sobre las Causas Ocasionales de las Neurosis" 1912 (1912), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 1718-1722.
25. FREUD, S. "La Iniciación del Tratamiento" 1913 (1913), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968.

- Vol. II, pp. 426-437
26. FREUD, S. "La Disposición a La Neurosis Obsesiva" 1913 (1913), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 1738-1744.
27. FREUD, S. "Recuerdo, Repetición y Elaboración" 1914 (1914), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 437-442.
28. FREUD, S. "La Represión" 1915 (1915), en Obras Completas Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. Vol. I, pp.1045-1050.
29. FREUD, S. "Lo Inconsciente" 1915 (1915), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. Vol. I, pp. 1051-1068.
30. FREUD, S. "Los Instintos y Sus Destinos" 1915 (1915), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. Vol. I, pp. 1035-1044.
31. FREUD, S. "Adición Metapsicológica a la Teoría de los Sueños" 1915 (1917), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. Vol. I, pp. 1068-1069.
32. FREUD, S. "Lecciones Introdutorias al Psicoanálisis" 1916 (1917), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. II, pp. 2123-2402.
33. FREUD, S. "El 'Yo' y el 'Ello'" 1923 (1923), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 2701-2721.
34. FREUD, S. "Esquema del Psicoanálisis" 1923 (1924), en Obras Completas: Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 2729-2742.

35. FREUD, S. "Inhibición, Sintoma y Angustia" 1925 (1926), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva , 1948. Vol. I, pp. 1213:1254.
36. FREUD, S. "Nuevas Lecciones Introductorias al Psicoanálisis" 1932 (1933), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Vol. III, pp. 3101-3206.
37. FREUD, S. "Análisis Terminable y Interminable" 1937 (1937), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva , 1968. Vol. III, pp. 540-572.
38. FREUD, S. "Construcciones en Psicoanálisis" 1937 (1937) , en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva , 1968. Vol. III, pp. 573-584.
39. FREUD, S. "La Escisión del 'Yo' en el Proceso de Defensa" 1938 (1940), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 389-391.
40. FREUD, S. "Compêndio del Psicoanálisis" 1938 (1940), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 392-440.
41. FREUD, S. "Manuscrito B: etiología de las Neurosis" 1893 (1950), en Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 93-101.
42. FREUD, S. "Manuscrito E: como se origina la Angústia", en Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 118-125.
43. FREUD, S. "Manuscrito F: Neurosis de Angústia, Disposición Hereditaria" 1894 (1950), en Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 126-131.


44. FREUD, S. "Manuscrito G: Melancolia" 1895 (1950), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 132-140.
45. FREUD, S. "Manuscrito H: Paranoia" 1895 (1950), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 141-147.
46. FREUD, S. "Manuscrito I: Señora P.J., de 27 años" 1895 (1950), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 170-173.
47. FREUD, S. "Manuscrito K: las Neurosis de Defensa (" un cuento de Navidad")", 1896 (1950), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 179-189.
48. FREUD, S. "Manuscrito N: notas III", 1897 (1950), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 244-248.
49. FREUD, S. "Carta nº 92", 1896 (1950), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 740-747.
50. FREUD, S. "Proyecto de una Psicología para Neurólogos" - escrito en 1895 (1950), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 883-968.
51. GREEN, A. "La Concepción Psicoanalítica del Afecto". Mexico: Siglo Vintiuno editores, 5a. 1975.
52. LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. "Vocabulario de Psicanálise", trad. de Pedro Jansen. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
53. MALAN, A.M.RUDGE "O Conceito de Regressão na Teoria Freudiana". Tese de Mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1975.

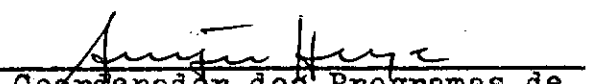
54. RABELO, M.A. de M. "Metapsicologia do Efeito da Interpretação Psicanalítica". Tese de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1976.
55. ROITMAN, E. "O Conceito de Defesa na Teoria Freudiana dos Sonhos". Tese de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1975.
56. SEVÁ, A.M.L. "Repressão e Angústia. Um estudo crítico do ensaio 'Inibição, Sintoma e Angústia'". Tese de Mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1975.
57. STRACKEY, J. "Editor's note to 'Inhibition, Symptom and Anxiety'" in J. Strackey (ed). Standard Edition, London, Hogarth, 1971, Vol. XX.
58. WAELDER, R. "Basic Theory of Psychoanalysis". International Universities Press, Inc. New York, 1960, pp. 154-163.

Tese apresentada no Departamento de
Psicologia da Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro, fazendo
parte da Banca Examinadora os seguin-
tes Professores:


Dr. Carlos Paes de Barros


Dr. Samuel Faro


Dr. Fabio Lacombe


Coordenador dos Programas de
Pós-Graduação
do Centro de Teologia
e Ciências Humanas
Prof. Jurgen Heye (20/9/95)